

11^o



Prêmio
Professores
do Brasil

OS FINALISTAS DE 2018

3 *Apresentação*

5 *Carta do Ministro*

7 *Carta da Secretária*

8 *Categorias*

10 **EDUCAÇÃO INFANTIL
CRECHE**

15 **EDUCAÇÃO INFANTIL
PRÉ-ESCOLA**

20 **ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS**

25 **ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS**

30 **ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS**

35 **ENSINO MÉDIO**

40 *Temáticas especiais*

42 **O ESPORTE COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM**

47 **PRÁTICAS INOVADORAS DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**

48 **USO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
NO PROCESSO DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL**

51 **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA**

57 **BOAS PRÁTICAS NO USO DE LINGUAGENS DE MÍDIA PARA AS DIFERENTES
ÁREAS DE CONHECIMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL E NO ENSINO MÉDIO**

Apresentação

Seja bem-vindo à leitura dos relatos dos vencedores regionais e das temáticas especiais da 11ª Edição do Prêmio Professores do Brasil.

Foram mais de 4 mil trabalhos inscritos, que apresentaram uma multiplicidade de formas, conteúdos, envolvimento, resultados, cooperação, encantamento, aprendizagem, trocas e, principalmente, crescimento.

Avaliar cada um dos trabalhos exigiu, de todos os envolvidos, um olhar para os aspectos que tornam esse prêmio singular: a possibilidade de replicar a prática pedagógica descrita. São os relatos de quem faz a Educação acontecer em sala de aula que nos inspiram e fortalecem ainda mais a crença de que é possível uma Educação de qualidade para nossas crianças e nossos jovens.

Esperamos que a divulgação dos projetos motive outros professores a continuar a busca do conhecimento e da troca de experiências, que é, sem dúvida, a melhor alternativa para criar possibilidades de escolha e atender aos diferentes momentos da dinâmica da sala de aula.

Repensar a prática pedagógica leva a novos caminhos, e compartilhar experiências no Prêmio Professores do Brasil contagia seus pares a participar das próximas edições.

Carta do Ministro

É com grande satisfação que chegamos à 11ª Edição do Prêmio Professores do Brasil. Ao longo dos anos, fomos aprimorando a forma de execução do Prêmio, buscando maneiras de acolher cada vez mais inscritos e não apenas possibilitar a valorização dos trabalhos apresentados, mas também conhecer os desafios com os quais os professores deparam cotidianamente.

Graças ao desenvolvimento do sistema de inscrição e avaliação dentro do Ministério da Educação, temos hoje o registro de um material riquíssimo. Esta publicação traz alguns exemplos notáveis, que revelam a qualidade do corpo docente das escolas públicas.

Por meio de seus relatos, os professores nos convidam a vivenciar sua rotina de trabalho e conhecer seus objetivos, recursos, carências e motivações, fornecendo um diagnóstico valioso e único da realidade de nossas escolas que evidencia em quais áreas devemos focar as ações para apoiar nossos docentes.

Esperamos que a cada ano mais e mais professores se sintam encorajados a inscrever suas práticas pedagógicas e partilhar histórias que apontem tanto para a melhoria dos indicadores educacionais brasileiros como para o fortalecimento de valores de inclusão social, sustentabilidade e cidadania.

**ROSSIELI SOARES DA SILVA
MINISTRO DA EDUCAÇÃO**

Carta da Secretária

Criado para reconhecer o valor dos professores e de seu trabalho em sala de aula, o Prêmio Professores do Brasil chega a sua 11ª edição como uma das mais importantes premiações da Educação Básica pública brasileira. Com mais de 4 mil inscrições de todas as regiões do País, os trabalhos revelam realidades que, em sua distância geográfica, guardam proximidade de desafios, motivações e engajamento profissional.

É nos relatos da prática pedagógica que se conhece como são feitos o planejamento das atividades, a avaliação da aprendizagem dos alunos e a articulação do currículo com a realidade, além da cumplicidade entre professor e equipe gestora das escolas. Refletir a respeito da própria prática, a partir da Base Nacional Comum Curricular, foi essencial para balizar os objetivos e as estratégias de ensino apresentados pelos educadores.

Ao promover a divulgação desses trabalhos, esperamos inspirar a multiplicação de práticas e ideias que podem ser utilizadas por outros professores pelo País, alcançando as metas traçadas pelo Prêmio e mostrando à sociedade a qualidade de nossos educadores, profissionais indispensáveis na construção de uma sociedade mais justa, solidária e cidadã.

**KÁTIA CRISTINA STOCCO MOLE
SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Categorías



EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE

EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÉ-ESCOLA

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

ENSINO MÉDIO

Adriane Gisele Sá Menezes

EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE

Unidade Municipal de Educação Infantil de Santana
Santarém, Pará



BEBÊS EM MOVIMENTO: BRINCADEIRAS E DESCOBERTAS NO BERÇÁRIO

Na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) de Santana, em Santarém (PA), a professora Adriane Gisele Sá Menezes foi designada para trabalhar com a primeira turma de berçário formada na escola no período da tarde. No entanto, por ser um atendimento relativamente novo na rede municipal, ainda não existia uma prática pedagógica consolidada para essa faixa etária.

Ela decidiu, então, orientar-se sobre o tema com a leitura, por exemplo, do documento “Brincadeiras e brinquedos na creche”, do Ministério da Educação (MEC). Levando em consideração o princípio de que a Educação visa o desenvolvimento da autonomia, pensou em estratégias para estimular os bebês de maneira segura e saudável. Foi assim que chegou a um conjunto de atividades que trabalharam a mobilidade e a coordenação motora e proporcionaram aos pequenos experiências cognitivas, relacionais, emocionais e sensoriais.

O trabalho, “Bebês em movimento: brincadeiras e descobertas no berçário”, começou com a análise da realidade de cada criança, por meio da leitura das fichas de cada uma; a seguir, foi feita a adaptação do local em que os bebês passavam a maior parte do tempo, visto que um entorno adequado é uma das características mais relevantes para o desenvolvimento dessa faixa etária.

Assim, Adriane reorganizou cada um dos espaços: sala principal, sala de repouso, fraldário e solário. Redistribuiu a mobília (para favorecer a circulação das crianças) e criou cantinhos específicos para cada atividade (leitura, percepções sensoriais, brinquedos). Feito isso, deu início às atividades motoras, plásticas e sensoriais com os pequenos: pinturas e contato com materiais como urucum; música e apresentação de personagens citados nas canções infantis; uso de papelão e outros materiais em atividades para estimular o tato e a visão.

Durante os dois meses do projeto, a dificuldade das atividades aumentava gradativamente, para os bebês explorarem por completo suas habilidades motoras. A certa altura, foram estimulados a percorrer circuitos com obstáculos sobre colchonetes e no parquinho da escola. Também brincaram com água, usando mangueira, baldes, esponjas e bacias.

Os resultados positivos foram notáveis: as crianças reconheciam os espaços da creche e circulavam por eles com segurança; decidiam as atividades que queriam fazer e sabiam como desenvolvê-las por conta própria; e lidavam melhor com o momento de separar-se da família. Além disso, houve o favorecimento da fala e dos movimentos em algumas delas. Adriane espera que seu projeto possa ser um modelo de prática aos profissionais que também começarão a trabalhar nos novos berçários da rede municipal de ensino.

Cristiane Santos de Melo

EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE

Centro de Educação Infantil Doutor Djalma Ramos
Lauro de Freitas, Bahia



MEU CABELO, MINHA RAIZ!

Meninas e meninos negros assistem a desenhos e programas, ouvem músicas e se identificam com personalidades que muitas vezes não representam fisicamente a etnia à qual pertencem. Refletindo sobre essa problemática, a professora Cristiane Santos de Melo criou o projeto “Meu cabelo, minha raiz!”, para crianças de 3 e 4 anos que frequentam o Centro de Educação Infantil (CEI) Doutor Djalma Ramos, em Lauro de Freitas (BA).

Com o objetivo de fazer com que o cabelo e o corpo negros fossem elementos identitários apreciados, reconstruídos e ressignificados por elas, construindo assim sua marca identitária afro-brasileira, Cristiane propôs 12 atividades que apresentaram diferentes referenciais por meio de histórias, personalidades, expressões artísticas e brincadeiras. Desde o início, o projeto contou com a participação dos funcionários da escola e, principalmente, dos familiares. Na primeira reunião do ano, em 2017, foi divulgada a proposta do trabalho, realizado entre junho e novembro.

As crianças conheceram histórias da África e experimentaram pinturas corporais africanas; manipularam argila e aprenderam seus usos artístico e curativo, como praticados pelos ancestrais; exploraram as utilidades das folhas medicinais e tomaram um banho relaxante; apreciaram e degustaram um alimento africano (acarajé); leram literatura infantil em casa; tiveram momentos de embelezamento/empoderamento com os pares; aprenderam a valorizar a importância de gostar de seu cabelo; contemplaram diferentes personalidades e suas histórias com o cabelo; vivenciaram momentos de brincadeiras de embelezamento entre pais e filhos; descobriram a importância de cuidar do cabelo com outras crianças; e, por fim, realizaram a apresentação da canção “Raiz de todo bem”, de Saulo Fernandes.

Durante todo o projeto, a escola solicitou o envolvimento dos familiares. Na atividade de leitura, por exemplo, Cristiane orientou cada criança a levar para casa o livro *Cabelo bom, é o quê?*, de Rodrigo Goecks, e a pedir aos pais que lessem com ela. Eles tinham de tirar uma foto contando a história para o filho, que depois registraria no papel suas impressões. Em outra atividade, os pais assistiram na escola a vídeos de conscientização sobre cabelos crespos e fitagem, técnica de definição de cachos. Depois, foram convidados a pentear o cabelo dos filhos utilizando esse aprendizado. Em seguida, as crianças pentearam os pais. Todos adoraram.

Ao final do projeto, as crianças começaram a se reconhecer e compreender um pouco de sua ancestralidade. Passaram a dizer que estavam bonitas e eram negras assim como os personagens das histórias, os pais e as professoras, revelando uma autoestima mais elevada.



Anielise Mascarenhas Guedes

EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE

Centro de Educação Infantil José Eduardo Martins Jallad – Zedu
Campo Grande, Mato Grosso do Sul



DESCOBRINDO SENSAÇÕES: TRABALHANDO OS SENTIDOS NO BERÇÁRIO

Entre maio e novembro de 2017, a professora Anielise Mascarenhas Guedes, em parceria com suas colegas de berçário, realizou o projeto “Descobrimos sensações: trabalhando os sentidos no berçário” no Centro de Educação Infantil (CEI) José Eduardo Martins Jallad – Zedu, em Campo Grande (MS). Ao todo, foram quatro turmas participantes, contemplando bebês de 6 meses a 2 anos de idade.

A intenção do projeto de Anielise era proporcionar aos pequenos uma experiência positiva de descoberta do mundo a sua volta, visto que, para eles, começar a frequentar a creche é um momento marcante, em que percebem que o mundo não se limita ao ambiente doméstico. Assim, o objetivo principal era ampliar o conhecimento do mundo físico e natural por meio dos sentidos e das sensações. As metas específicas eram ampliar as possibilidades de expressão, sensação e comunicação dos bebês; inseri-los em contextos de movimento e exploração de diferentes materiais; e possibilitar a exploração do meio natural e social.

As atividades pensadas e desenvolvidas com as turmas tiveram como foco propiciar a descoberta de si, a aquisição de conhecimentos sobre o mundo natural e o desenvolvimento da comunicação e da linguagem oral.

Para isso, algumas das práticas feitas com os bebês foram: cesto dos tesouros; exploração de elementos da natureza; exploração do túnel de tule; exploração de diferentes texturas; cabide sensorial; tapete sensorial; caixa-surpresa com espelho; exploração de gelo colorido; exploração de objetos sonoros; atividades no espelho da sala; atividades com imagens e projeções com lanterna; caixas de imagens; caixas com frutas, verduras e hortaliças; exploração e plantação de legumes; cuidados com a horta; exploração da natureza; degustação de diferentes sabores; degustação de diferentes sucos e frutas; garrafas sensoriais; saquinhos perfumados; lenços perfumados; banho de espuma; e diferentes melecas comestíveis.

Essa ampla oferta de práticas propiciou a exploração dos cinco sentidos – tato, paladar, olfato, visão e audição –, que foram trabalhados de modo integrado e simultâneo, assim como acontece nas experiências cotidianas. Isso levou ao desenvolvimento da autoconfiança e da curiosidade nos pequenos.

As experiências do projeto “Descobrimos sensações” mostraram-se ricas fontes de informações sobre cada um. Com base em suas reações, foi possível perceber, individualmente, os gostos, as habilidades mais ou menos desenvolvidas e as oscilações em estados emocionais. Essas análises foram repassadas às famílias. No final do ano, o portfólio de registro das atividades (fotos e produções das crianças) ficou exposto para toda a comunidade escolar.



Lucimar Izabel de Faria

EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE

Escola Municipal de Educação Básica Albino Freitas
Diadema, São Paulo



ESTÉTICA MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Por reconhecer a capacidade que a música tem de afetar as emoções e o intelecto, a professora Lucimar Izabel de Faria desenvolveu um trabalho de educação musical para aguçar o senso estético das crianças de 2 e 3 anos da Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Albino Freitas, em Diadema (SP).

Embora ainda pequenas, elas estão muito abertas para ouvir e criar música e movimentar-se. Quanto mais sensibilizadas, mais perceptivas podem se tornar para fazer as próprias escolhas musicais. Esses fatores impulsionaram o projeto “Estética musical na primeira infância”, desenvolvido entre maio e junho de 2017.

Lucimar realizou uma sequência didática de 13 aulas. Cada encontro tinha uma rotina: história musicada; músicas para ouvir ou cantar; atividade para brincar e expressar-se corporalmente ou de exploração sonora; e relaxamento.

Na primeira parte, a professora contava a história, ora cantando com as crianças as versões musicadas, ora dramatizando os personagens com timbres de voz característicos (grave, médio, agudo), ora criando suspense com o suporte de um teclado (elementos sonoros), ora transformando fragmentos de clássicos da música erudita em fundo musical para diferentes cenas da história. Na segunda, o objetivo era proporcionar a elas contato com um repertório variado de estilos e gêneros musicais (música infantil, folclórica, erudita, MPB), para que experimentassem contrastes de duração, intensidade, timbre, altura, andamento e caráter musical de maneira lúdica e prazerosa. Na terceira, havia diversas atividades. Em algumas delas, as crianças podiam se movimentar livremente ao ouvir canções ou brincar com música ao fundo. Outras promoviam explorações sonoras, como ouvir o som do papel sendo amassado (depressa ou devagar, forte ou fraco).

Na última parte, criava-se um ambiente tranquilo na sala. Em certas ocasiões, a luz era apagada e os alunos deitavam no chão de olhos fechados. Nessa experiência, aprenderam o efeito relaxante que a música pode proporcionar. Diferentes gêneros e estilos foram tocados, desde “Lago dos cisnes”, de Tchaikovsky, até “Acalanto”, de Dorival Caymmi.

A avaliação foi feita com base na observação das crianças: receptividade, concentração, participação, envolvimento, manifestação de emoções, sentimentos e desejos. Constatou-se que elas desenvolveram um gosto pessoal. Dessa maneira, responderam aos estímulos musicais na expressão corporal, no semblante, no aumento de repertório, nos pedidos de “querer mais”, no questionamento de que se naquele dia cantariam ou brincariam com música, nas preferências pessoais e nas criações espontâneas.

Luciana Bossy Demétrio

EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE

Centro de Educação Infantil Professora Alzelir Terezinha Gonçalves Pacheco
Joinville, Santa Catarina



FILHOS DA CHUVA: CONHECENDO NOSSA CIDADE PELA ÓTICA DE JUAREZ

A professora Luciana Bossy Demétrio realizou um amplo trabalho a partir de uma obra de arte com a turma de maternal do Centro de Educação Infantil (CEI) Professora Alzelir Terezinha Gonçalves Pacheco, em Joinville (SC). A ideia surgiu quando ela diagnosticou a necessidade de os pequenos, bem como seus pais, conhecerem melhor a cidade onde viviam, principalmente porque alguns eram de outras regiões do Brasil e até do exterior.

Luciana apresentou às crianças de 3 anos produções do artista plástico conterrâneo Juez Machado, que imprime em suas obras características que traduzem a cidade. O quadro que chamou mais a atenção delas foi *Filha da chuva*, inspiração para o título do projeto.

O contato com a obra possibilitou um leque de experiências aos pequenos. Eles começaram identificando os principais elementos do quadro: uma garota de vestido florido andando de bicicleta em um dia de chuva em uma região da cidade. Depois, associaram cada elemento à cultura de Joinville: o clima chuvoso; muitos ciclistas (algumas crianças são transportadas para a escola de bicicleta); flores nas casas; e alguns prédios retratados na obra, como o Pórtico de Joinville e o Museu dos Imigrantes, que a turma reconheceu.

Em seguida, o projeto tornou-se mais prático: as crianças experimentaram e entenderam como funciona o guarda-chuva. Compreenderam que ele as protege das gotas e também faz sombra, e simularam como é andar ao lado de alguém em um dia chuvoso. Em outra etapa, estamparam toalhas de mesa com a temática do quadro e tiveram contato com diferentes materiais, como papel, TNT, esponja e tinta.

Elas também discutiram a chuva e a bicicleta. Ao serem estimuladas a pintar gotas, surgiu um impasse: que cor usar? A dúvida entre branco e azul virou objeto de trabalho, e Luciana demonstrou, com um recipiente transparente, que a água não tem cor, mas “ganha” o tom do objeto ou do lugar onde estiver. Intrigadas com a bicicleta, as crianças conheceram a história desse meio de transporte; viram fotos e vídeos de versões antigas; compararam diversos modelos contemporâneos; e uma bicicleta de verdade foi levada à escola. Compreenderam, então, os cuidados necessários ao usá-la, a função dos equipamentos de segurança e a importância de sempre andar em ciclofaixas.

As produções artísticas deram origem a uma instalação, complementada por objetos da natureza, como terra, pedras, bambu, flores, folhas e penas de animais – tudo para ampliar ainda mais o repertório sensorial das crianças. O marco final do projeto foi o convite para todas as turmas da escola desfrutarem o espaço criado após a rica experiência inspirada pela obra de Juez Machado.

Rosângela Blaka Pereira

EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÉ-ESCOLA

Centro Municipal de Educação Infantil Nelson Dias
Ji-Paraná, Rondônia



REAPROVEITAR PARA BRINCAR - DINOSSAUROS

Devido à limitação dos recursos oriundos do poder público, a diretora do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Nelson Dias, localizado em Ji-Paraná (RO), propôs aos professores um projeto de reaproveitamento de materiais para construção de brinquedos. No entanto, a professora Rosângela Blaka Pereira não queria apenas construir brinquedos aleatórios com os alunos – sua intenção era que eles sentissem o desejo de participar ativamente de cada etapa do projeto. Assim nasceu o “Reaproveitar para brincar – Dinossauros”, realizado semanalmente entre maio e junho de 2018.

Ao observar as brincadeiras da turma de crianças de 5 anos, Rosângela percebeu que os dinossauros faziam parte do imaginário infantil. Por isso, fez uma sondagem dos conhecimentos prévios delas em uma roda de conversa. Constatou que sabiam pouco sobre esses animais pré-históricos – basicamente conheciam o que se vê na TV em desenhos infantis. Em seguida, apresentou a ideia de construir brinquedos no formato de dinossauros e o conceito de reaproveitamento de materiais. Os alunos interessaram-se quando foi combinado que selecionariam esses materiais em casa, pensando na construção dos dinossauros que criariam juntos na escola.

Na segunda semana, as crianças levaram um questionário para casa para pesquisar sobre as características dos dinossauros. Discutiram, então, os resultados e analisaram as imagens e as revistas trazidas pela professora. Depois, decidiram quais dinossauros construiriam.

Uma semana mais tarde, começaram a produzir um Iguanodonte e um Estegossauro com copos e garrafas de iogurte, garrafas PET, caixas de ovos e de sapato, colheres plásticas, fita crepe, papel crepom, cola e água. Na etapa seguinte, construíram ovos de dinossauro com papietagem em balões, trabalhando conceitos matemáticos. Antes, em roda, decidiram quantos ovos fariam. Registraram cinco no quadro e tiveram a oportunidade de refletir se o número escolhido era o que realmente estava registrado. Por fim, contaram o total de sete garrafas plásticas que poderiam ser usadas para construir os Apatossauros.

O objetivo principal do projeto foi mostrar às crianças que materiais que costumam ter como destino o lixo podem se tornar objetos úteis e interessantes. Elas fizeram escolhas e conheceram uma nova técnica de artes, a papietagem. Em matemática, resolveram problemas com quantidade, registrando, analisando e considerando a fala e o pensamento do outro. Quanto ao tema dinossauros, souberam que existiam animais carnívoros e herbívoros e aprenderam a reconhecer a diferença entre eles pelo formato da cabeça e da boca nas imagens.



Rosana Torres da Silva

EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÉ-ESCOLA

Escola Municipal Artur de Sales
Salvador, Bahia



O COTIDIANO E SEU VALOR PARA A VIDA NA ESCOLA... POR UMA ESCOLA “COM VIDA”

O projeto “O cotidiano e seu valor para a vida na escola... Por uma escola ‘Com Vida’” aconteceu entre maio e junho de 2018 na Escola Municipal (EM) Artur de Sales, em Salvador (BA). Começou com o Grupo 5 de Educação Infantil e posteriormente expandiu-se para as outras turmas da escola, que atende até o Ensino Fundamental – Anos iniciais (1º, 2º e 3º anos).

O trabalho teve duas motivações. A primeira foi que professores, funcionários e corpo administrativo observaram que muitas crianças recusavam a merenda escolar balanceada e nutritiva e preferiam a trazida de casa, em geral composta por alimentos industrializados, pobres em nutrientes. Ao levar os alunos ao refeitório e à cozinha da escola para prepararem uma salada de frutas na tentativa de incentivá-los a melhorar a qualidade da dieta, o segundo ponto veio à tona: havia falta de vida – cor, informação e interação – no refeitório.

Para mudar esse cenário, a professora Rosana Torres da Silva desenvolveu, em parceria com as demais docentes da escola, uma rotina para ajudar tanto os funcionários do refeitório como os alunos a se organizarem para o lanche. Ela selecionou quatro crianças ajudantes, que ficaram responsáveis por algumas atividades diárias: contagem e registro da quantidade de colegas em cada sala e o nome das respectivas professoras; entrega dos registros às cozinheiras, lendo as informações levantadas; contagem e organização de utensílios nas mesas (dez minutos antes do horário da merenda); e divulgação do cardápio do dia no quadro da entrada do refeitório.

Além de ajudarem com a logística diária das refeições escolares, as turmas tiveram a oportunidade de remodelar o espaço, deixando-o mais atraente. Uma das novidades foi o uso de música no ambiente, além do aviso com o cardápio do dia e outros cartazes feitos pelas crianças, com desenhos e informações sobre os alimentos que consumiam na escola. Em pouco tempo surgiram os resultados: os alunos que se recusavam a comer o lanche da escola foram questionados pelos colegas e passaram a aceitar a merenda, e turmas que antes não usavam o refeitório passaram a frequentá-lo.

As crianças desenvolveram habilidades de leitura e escrita; familiarizaram-se melhor com números ao usá-los para a contagem de estudantes e utensílios; passaram a demonstrar mais cuidado com a alimentação, o refeitório e os utensílios; e aprenderam a trabalhar em grupo, entendendo a importância da integração de muitas pessoas para que a hora da merenda funcione bem todos os dias. O próximo passo será construir uma horta que ajudará tanto o projeto da merenda como as ações ecoativas realizadas na unidade.



Eva Adriana Gomes Barbosa

EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÉ-ESCOLA

Escola Municipal Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista
Campo Grande, Mato Grosso do Sul



NÓS PODEMOS SER A MUDANÇA QUE QUEREMOS NO TRÂNSITO

A professora Eva Adriana Gomes Barbosa criou um trabalho de conscientização intitulado “Nós podemos ser a mudança que queremos no trânsito”, com base nas experiências negativas no trânsito vivenciadas por seus alunos. O projeto surgiu porque as crianças comentaram em uma roda de conversa infrações cometidas pelos próprios pais no trajeto à escola: eram transportadas no guidão de bicicletas; muitas vezes conduzidas na calçada; sentavam no banco da frente do carro, sem cinto de segurança ou sem assento adequado; não usavam capacete quando transportadas em motocicletas.

Eva percebeu então a relevância do tema trânsito, uma experiência social que acompanhará seus alunos por toda a vida. Liderado pela turma de Pré 2 (idade entre 5 e 6 anos) da Escola Municipal (EM) Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, em Campo Grande (MS), o projeto acabou envolvendo as 125 crianças da Educação Infantil, bem como suas famílias.

Os objetivos eram: instigar valores importantes para a convivência em sociedade (tolerância, respeito, paciência e responsabilidade); mobilizar os pequenos para refletir sobre situações-problema no trânsito nos arredores da escola com seus familiares; promover a mudança de comportamento; conhecer as condições de segurança de trânsito; e buscar melhorias por meio de políticas públicas. Para embasar as discussões e encontrar as soluções para os problemas, Eva apresentou aos alunos materiais e fontes confiáveis de informação, como o Código de Trânsito Brasileiro, as Diretrizes Nacionais da Educação para o Trânsito na Pré-Escola e cartilhas da Agência Municipal de Trânsito (Agetran) adaptadas para crianças, como *Pedestre, eu cuido!*.

O projeto conquistou o apoio de todos os setores da escola e da Agetran. Um policial militar ministrou às famílias uma palestra sobre as posturas adequadas no trânsito, na qual os pequenos tiveram a chance de questionar seus pais sobre as razões de descumprirem as regras. Os alunos também simularam *blitzes* na frente da escola, distribuindo multas a quem infringia alguma regra – as infrações traziam informações reais sobre valores a serem pagos, pontos na Carteira Nacional de Habilitação e outras consequências. Essas ações, além de permitirem o desenvolvimento de princípios éticos, trabalharam a comunicação oral e a escrita.

Desenvolvido entre abril e agosto de 2017, o projeto trouxe resultados para a comunidade: o trânsito no entorno da unidade melhorou em segurança, tolerância e cuidado com o outro, e a escola ganhou uma rampa, favorecendo a acessibilidade. Outra conquista, prometida mas não efetuada até outubro de 2018, é a construção de uma ciclovia na região, visto que a bicicleta é um meio de transporte utilizado por muitas famílias.

Elis Beatriz de Lima Falcão

EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÉ-ESCOLA

Centro de Educação Infantil Criarte – Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo



ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA ESCRITA

Em 2017, a professora Elis Beatriz de Lima Falcão permaneceu com a turma com a qual havia trabalhado no ano anterior no Centro de Educação Infantil (CEI) Criarte – Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória (ES). As crianças, agora com 5 e 6 anos, estavam no momento de apropriação da escrita.

Sua intenção era levar a turma não só a conhecer as primeiras manifestações gráficas criadas pela humanidade, valorizando a escrita e os números como produção histórica e cultural, mas também a descobrir outros símbolos empregados na linguagem escrita e a entender o que as letras do alfabeto representam. O objetivo era que tudo fosse feito por meio de um trabalho que contemplasse a articulação entre várias linguagens, não apenas a verbal.

Por isso, o projeto “Alfabetização na Educação Infantil: a dimensão simbólica da escrita” abordou conteúdos como os sistemas de escrita pictográfico, ideográfico e alfabético; pinturas rupestres; símbolos, marcas e logomarcas; e, claro, o alfabeto (história, nomes e formas das letras).

O trabalho foi dividido em duas etapas. Na primeira, a turma estudou a sociedade pré-histórica, ou dos “homens das cavernas”, refletindo e pesquisando sobre como seria a vida desses povos – que invenções criaram, como registravam suas ideias e como contavam os objetos. Já que a proposta pedagógica da escola no ano letivo abordava o universo da Turma da Mônica, o personagem Piteco foi apresentado aos alunos e usado nas reflexões. Nessa etapa, foram abordadas as pinturas rupestres e a invenção dos números e do alfabeto.

Na segunda fase, já conscientes sobre o alfabeto e as palavras, as crianças trabalharam sobretudo com histórias e sons. Elis contou com a ajuda de dois estudantes bolsistas de um programa federal para explorar o diálogo entre as linguagens verbal e musical envolvendo onomatopeias. Novamente as histórias em quadrinhos apareceram, mas dessa vez com foco em palavras que simulavam diversos sons. Esse recurso enriqueceu o texto escrito pelos alunos. O aspecto sonoro foi abordado também por meio de gravações: eles puderam contar suas histórias e reproduzir as onomatopeias. Depois, ouviram o CD juntos e perceberam como esse recurso causa um efeito impactante na hora de ouvir uma narrativa.

Como resultado, as crianças conquistaram o domínio das letras (antes, algumas delas não sabiam soletrar o próprio nome) e foram estimuladas a usar símbolos e outros elementos que também expressam significados, entendendo que não precisam se limitar às letras. No entanto, conscientizaram-se de que o alfabeto é um sistema indispensável para as pessoas, pois ajuda a expressar uma infinidade de conceitos e sentimentos.

Jocelaine Silveira

EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÉ-ESCOLA

Centro de Educação Infantil Professora Juliana de Carvalho Vieira
Joinville, Santa Catarina



O QUE TEM NO MATO: MISTÉRIOS DA NATUREZA!

Em uma roda de conversa, uma turma de crianças de 5 anos demonstrou interesse em descobrir o que havia no mato nos arredores do Centro de Educação Infantil (CEI) Professora Juliana de Carvalho Vieira, em Joinville (SC), situado em um terreno acidentado com solo argiloso e área verde em que os pequenos podem brincar com terra, escalar barrancos e aventurar-se em expedições para pesquisar e investigar, conhecer e explorar os seres vivos do lugar. Assim surgiu o projeto “O que tem no mato: mistérios da natureza!”, idealizado pela professora Jocelaine Silveira.

As expedições realizadas no entorno da escola permitiram aos alunos observar, identificar, catalogar e conhecer a utilidade das plantas. Ao tocá-las, levavam as folhas instintivamente ao nariz para sentir seu aroma. Diante de tal interesse, Jocelaine sugeriu que preparassem um chá. A turma colheu algumas folhas, higienizou-as e transformou-as em um *mix* para o preparo da bebida.

Observando o comportamento das crianças e sua ligação com a natureza, ficou evidente a necessidade de dar o devido suporte a essas aprendizagens, pois, ao encontrarem uma planta, logo queriam saber se era possível preparar chá com ela. Assim começou a investigação: os chás foram sendo identificados, pesquisados e provados.

Com a supervisão da professora, os alunos confeccionaram um catálogo de plantas com as folhas das ervas pesquisadas e provadas; criaram um cantinho do chá na sala, com chaleira elétrica e xícaras trazidas de casa; armazenaram e etiquetaram ervas secas em potes de vidro; fizeram a secagem das folhas colhidas em um móvel de bambu na sala; visitaram o laboratório de farmacognosia e o horto de plantas medicinais tóxicas e não tóxicas de uma universidade do município; montaram um laboratório de pesquisa em sala, com um cantinho de experimentações; pediram doações de mudas para a comunidade; planejaram e construíram uma horta em espiral de plantas medicinais; realizaram rodas de chás em volta da fogueira. Além disso, foi realizado um trabalho de resgate e valorização da cultura das benzedadeiras e do uso das plantas medicinais, também de conhecimento dos indígenas.

As crianças deixaram de considerar as plantas apenas mato e passaram a investigá-las antes de tocá-las, para saber o que são. Querem saber se são adequadas para fazer chá ou venenosas, se servem para comer ou só para brincar. Tomar chá virou um hábito. A horta da escola está disponível para que os alunos, os professores, os familiares e a comunidade possam usufruir da conquista do grupo. Além disso, a troca de conhecimentos fortaleceu o cooperativismo, o cultivo de plantas medicinais e a cultura da comunidade.



Suelen Araújo Barbosa

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS

Escola Municipal Martinha Thury Vieira
Boa Vista, Roraima



LIBRAS: ALFABETIZAR PARA APRENDER A CONVIVER

Na Escola Municipal (EM) Martinha Thury Vieira, em Boa Vista (RR), Suelen Araújo Barbosa foi professora de uma turma de 2º ano que apresentava desafios: além dos repetentes, havia uma estudante com deficiência auditiva (DA). No início de 2017, ela constatou situações complementares em sala. A criança com DA se recusava a fazer atividades adaptadas. De outro lado, os demais alunos pediam à professora bilíngue da sala que lhes explicasse alguns sinais, para que pudessem se comunicar com a amiga. Esse cenário fez Suelen refletir sobre o processo educacional e de integração da criança com DA.

Nasceu, então, o projeto “Libras: alfabetizar para aprender a conviver”, de alfabetização em língua brasileira de sinais (Libras). O objetivo foi desenvolver uma Educação bilíngue, atendendo ao direito de aprendizagem da aluna com DA, bem como utilizar esse recurso para o trabalho de alfabetização das crianças com dificuldades, que teriam na Libras uma ferramenta a mais para seu desenvolvimento.

Para facilitar a participação e tornar a aprendizagem mais prazerosa, Suelen recorreu a cantigas infantis populares, contextualizando-as em algum conteúdo trabalhado no livro didático. Ela e a professora bilíngue, com o apoio da gestão escolar, elaboraram grande parte do material pedagógico. A proposta foi comunicada à turma e todos perceberam a importância de participar.

Duas vezes por semana, os alunos faziam atividades em grupos, ajudando-se mutuamente. Primeiro, conheciam a cantiga a ser aprendida também em Libras. Depois, a professora bilíngue ensinava os principais sinais da letra de maneira pausada e, então, com a melodia, até que todos soubessem a maior parte dos sinais. Em seguida, eram realizadas atividades impressas criadas pelas professoras. Nesse momento, elas observavam as interações que iam acontecendo entre as crianças – as que tinham mais facilidade de aprender os sinais, à medida que a música era repetida para os treinos, dispunham-se a ajudar os colegas.

Como as atividades utilizavam também o recurso visual, alguns alunos com dificuldades na aprendizagem de língua portuguesa conseguiam executar as atividades em Libras com êxito, percebendo que todos são dotados de inteligências diversas que podem ser aproveitadas de vários modos e em muitas situações.

No fim do ano, a turma apresentou um coral em Libras para a escola, o que proporcionou aos demais estudantes da unidade o primeiro contato com essa linguagem. Os resultados imediatos do projeto foram a inclusão da criança com DA e a superação das limitações cognitivas dos alunos com dificuldades, graças ao uso da língua de sinais.



Tatiane Novais Brito

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS

Escola Municipal Sebastião Novais
Ibiassucê, Bahia



UTILIZAÇÃO DA MODELAGEM MATEMÁTICA NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS PARA OS CONCEITOS MATEMÁTICOS

A Escola Municipal (EM) Sebastião Novais está localizada na zona rural do município de Ibiassucê (BA) e atende alunos da comunidade local e de comunidades vizinhas. Com sua turma multisseriada de 17 alunos do 2º e 3º anos, a professora Tatiane Novais Brito desenvolveu o projeto “Utilização da modelagem matemática na construção de significados para os conceitos matemáticos”, metodologia que visa transformar situações cotidianas em problemas matemáticos, levando os estudantes a investigar matematicamente situações-problema de outras áreas.

Para contextualizar a matemática em sala de aula, Tatiane decidiu transformar o problema do desperdício de merenda escolar em tema do projeto, dividindo-o em quatro etapas. Na primeira, de familiarização e compreensão do tema, ela investigou os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto em uma roda de conversa suscitada por perguntas norteadoras. Na segunda, de matematização da situação-problema, Tatiane fez uma pesquisa na sala para saber sobre a fruta preferida de cada um. Depois de colocar os resultados no quadro, cada aluno recebeu o esboço de uma tabela e de um gráfico para registrar as informações. O objetivo era fazer uma sondagem do conhecimento que as crianças já possuíam sobre tabelas e gráficos. Em seguida, a professora convidou a merendeira para uma entrevista, e os alunos perguntaram quais eram as merendas mais e menos desperdiçadas. Após a conversa, Tatiane elaborou um questionário e o esboço de um gráfico com as merendas preferidas e as menos apreciadas.

Na terceira etapa, de coleta e interpretação dos resultados, os alunos do 3º ano obtiveram os dados sobre as merendas nas outras turmas, e os do 2º ano fizeram a pesquisa dentro da sala, já que todos deveriam participar do levantamento para obter resultados precisos. Depois da socialização dos dados, os alunos construíram, em papel-cartão, os gráficos das preferências das opções doce e salgada da merenda com muito cuidado para não errar, já que os cartazes seriam exibidos. Em vez de apenas exporem os gráficos no pátio, pediram à professora para apresentar os resultados às outras salas, expressando seu orgulho pelo trabalho.

Na quarta fase, de busca de soluções, foi proposto um debate para discutir maneiras de evitar o desperdício ou de reutilizar as sobras da merenda. Tatiane chamou a atenção de todos para a sugestão de um aluno do 4º ano, que tinha mencionado o adubo. Depois de assistirem a um vídeo sobre reciclagem de lixo orgânico, as crianças compreenderam aspectos desse processo e sua importância para a natureza. Para terminar, montaram uma composteira e passaram a ir à horta para analisar os resultados da adubação.

Vandete Pereira Lima

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS

Escola Classe 08 do Cruzeiro
Brasília, Distrito Federal



UMA MENSAGEM PARA VOCÊ

Para motivar os alunos a desenvolver a capacidade de ler, escrever e compreender textos breves, a professora Vandete Pereira Lima elaborou o projeto “Uma mensagem para você”, em que os alunos do 2º ano da Escola Classe (EC) 08 do Cruzeiro, em Brasília (DF), aprenderam o gênero textual bilhete no formato de mensagem de texto do aplicativo WhatsApp. Ela também é vencedora em “Boas práticas no uso de linguagens de mídia para diferentes áreas de conhecimento no Ensino Fundamental e no Ensino Médio” (p. 57).

Tudo começou com uma roda de conversa na qual o grupo discutiu como as pessoas se comunicam na atualidade. O “zap” logo foi citado, e os alunos comentaram que já sabiam enviar mensagens de voz, mas não conseguiam escrever e ler no celular. A professora relatou a importância do aplicativo no trabalho e no cotidiano das pessoas e perguntou se desejavam aprender a enviar esse tipo de mensagem. A resposta positiva foi unânime. Os alunos alertaram que não possuíam celular, e ela, então, propôs brincar de escrever mensagens em celulares de papel durante o bimestre. Na primeira etapa, Vandete discutiu com a turma os conhecimentos prévios necessários para escrever bilhetes e apresentou exemplos. A primeira mensagem foi escrita por ela para cada um dos alunos, e as crianças leram as palavras e viram as imagens anexadas. Na segunda, cada aluno sorteou um colega para enviar uma mensagem, que tinha de ser anônima. A professora assumiu a posição de escriba e escreveu o que cada criança pediu. No terceiro encontro, foi realizado novo sorteio e, em grupos, os alunos escreveram bilhetes. Os colegas escribas ajudavam os que ainda estavam em processo de aprendizagem.

Na quarta etapa, cada um contou a um colega como tinha sido o fim de semana. Embora o assunto fosse diferente, chegaram à conclusão de que havia partes parecidas nas mensagens: início (para quem e o cumprimento inicial), meio (o assunto e o para quê) e fim (a despedida e o nome de quem escreveu a mensagem). Perceberam que alguns termos sempre apareciam e, por isso, a professora montou um banco de palavras.

Nas três fases seguintes, as mensagens foram mudando conforme os objetivos, por exemplo: perguntar algo e fazer um elogio ao colega usando os vários recursos de pontuação. A turma também trocou mensagens com a outra classe de 2º ano, convidando os colegas para comer uma salada de frutas na sala. Na oitava etapa, os alunos escreveram uma mensagem aos pais, comunicando que teriam de levar ingredientes. No dia marcado, as duas turmas lancharam juntas e, finalmente, foram escritos bilhetes de agradecimento pela presença. Os alunos mostraram-se muito motivados, e foram constatados avanços nos objetivos de leitura, escrita, pontuação e uso da linguagem multimodal.

Luciana Soares Muniz

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS

Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Minas Gerais



DIÁRIO DE IDEIAS: LINHAS DE EXPERIÊNCIAS

Em pleno processo de alfabetização, os 15 alunos do 1º ano da professora Luciana Soares Muniz tiveram a chance de começar a desenvolver a escrita e a leitura por meio do projeto “Diário de ideias: linhas de experiências”. Para cada um de seus aprendizes, Luciana fez um caderno personalizado que serviu como diário de bordo, visto que eles registravam no material não apenas as experiências vividas na Escola de Educação Básica (EEB) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde estudavam, mas também os acontecimentos vivenciados em outros espaços sociais – em casa, em lojas, no hospital etc.

No diário, as crianças escreviam palavras, frases, textos, inventavam termos e histórias, podiam expressar curiosidades, preferências e interesses por temas diversos e elaboravam relatos pessoais com base em investigações, entre outras anotações. Para que o trabalho ficasse mais lúdico, foram incentivadas a usar elementos gráficos, como fotos, figuras, embalagens de produtos, desenhos etc.

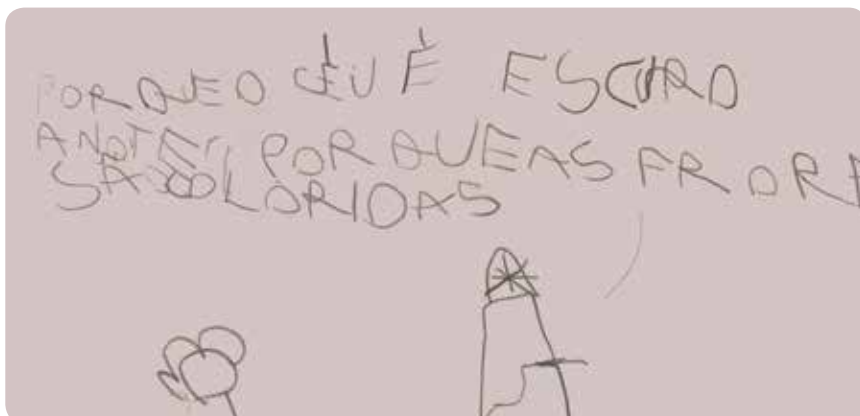
Elas começaram fazendo registros simples, como sílabas e palavras curtas que conheciam relativas aos diversos ambientes que frequentavam. Luciana notou especial interesse da turma por termos que nunca tinham visto. Por exemplo, uma menina ficou encantada com o “kkkk” que viu no celular da mãe e com o significado desse conjunto de letras.

A professora percebeu também que assuntos relacionados à natureza, como os animais e os quatro elementos essenciais (terra, ar, água e fogo), eram constante fonte de inspiração para os alunos. No decorrer do semestre, eles já conseguiam registrar palavras mais complexas e até frases inteiras.

Uma das consequências mais valiosas do projeto foi a interação entre as próprias crianças e entre elas e as famílias. Os pais foram orientados a acompanhar e incentivar o uso do diário de bordo, e isso foi uma rica fonte de informação para que descobrissem como seus filhos enxergavam e compreendiam o mundo ao redor.

Na sala de aula, toda semana, as crianças compartilhavam as descobertas com os colegas, gerando o que Luciana classificou como “escuta sensível”, isto é, o interesse e a empatia pelas vivências do outro, além da construção conjunta de conhecimentos.

O desenrolar do projeto favoreceu a alfabetização, inclusive de alunos que apresentavam mais dificuldade e que, a princípio, rejeitaram ou ignoraram o diário. Também ficou evidente que as crianças entenderam o valor social da escrita para as diferentes atividades cotidianas e se deram conta de como as experiências de vida ajudam a construir a história de cada um.



Alessandra Bremm

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS

Escola Estadual de Ensino Fundamental Doutor Silveira Neto
Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul



PROJETO CIDADÃO MIRIM - A VEZ E A VOZ DA NOSSA COMUNIDADE

A professora Alessandra Bremm sempre esteve próxima à Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Dr. Silveira Neto, onde fez seu primeiro estágio, ainda no magistério. Sua ligação com a escola e a preocupação de melhorar o entorno a motivaram a criar o projeto interdisciplinar “Cidadão Mirim – A vez e a voz da nossa comunidade”, que levou os alunos do 2º ano a conhecer e a valorizar o bairro e a comunidade de Lagoa Vermelha (RS).

Eles chegavam às aulas incomodados com o lixo nas ruas, os cachorros soltos e o barulho produzido por vizinhos. Para ajudá-los a enfrentar esses problemas, foram realizadas ações como: análise do mapa do bairro; passeios pela vizinhança para fotografar os problemas; entrevistas com moradores e vereadores; pesquisas e leituras para descobrir soluções; produções escritas para registro e divulgação do projeto. Os alunos identificaram os principais desafios do bairro e pensaram em soluções para conscientizar famílias e demais membros da comunidade para reivindicar seus direitos junto às instituições pertinentes.

Eles perceberam que algumas das situações indesejáveis identificadas eram causadas ou agravadas pelos próprios moradores. Então, apostaram na conscientização como principal forma de resolvê-las e pesquisaram o horário de coleta de lixo no bairro, as possibilidades de reciclagem de materiais, textos e leis sobre convivência social, estatutos de defesa dos animais etc. A seguir, criaram e distribuíram um panfleto.

Restavam os problemas que não podiam ser resolvidos apenas com mudança de comportamento. Alessandra convidou a diretora da associação do bairro para contar o que ela tinha feito em seus 20 anos no cargo. As crianças conduziram a entrevista, fazendo perguntas formuladas previamente. Nesse dia, descobriram que levar o problema ao conhecimento dos vereadores era importante e decidiram escrever uma carta a eles. O momento da escrita foi oportuno para estudarem o gênero textual em questão, treinarem a letra cursiva e aprenderem a assinar o nome completo. O projeto contava com um *blog* e uma página no Facebook, e os vereadores começaram a se manifestar pela internet, apoiando as causas levantadas pela turma. O presidente da Câmara Municipal visitou a escola e contou sobre propostas já existentes que ajudariam a combater os problemas identificados.

As crianças aprenderam que devem buscar informações em boas fontes e escutar pessoas que entendem dos assuntos abordados. O projeto também trabalhou matemática (análise e construção de dados); geografia (orientação no espaço e urbanização); ciências (produção e reciclagem de lixo); e, principalmente, língua portuguesa (as linguagens oral e escrita foram indispensáveis para registrar e difundir as ações da iniciativa).



Paulino Rocha Barbosa

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Municipal Vila Progresso
Macapá, Amapá



PEQUENOS AUTORES: NAVEGANDO ENTRE MITOS E LENDAS DAS ILHAS QUE BAILAM

A pedido da diretora, o professor Paulino Rocha Barbosa elaborou uma oficina de incentivo ao hábito da leitura crítica e reflexiva com os alunos do 5º ano da Escola Municipal (EM) Vila Progresso, localizada no arquipélago do Bailique, distrito de Macapá (AP). O objetivo era prepará-los para os desafios do próximo ciclo de estudos em outra instituição.

No diagnóstico, Paulino percebeu que eles não se interessavam pelo acervo de literatura infantil e infantojuvenil da escola, mas lhe pediam que contasse histórias semelhantes às que ouviam dos familiares. O desafio, então, voltou para os alunos: teriam de pesquisar e recriar as narrativas que conheciam da comunidade sobre pescadores e agricultores, a floresta e os rios, para que outras pessoas pudessem ter acesso a esse patrimônio imaterial contido na memória dos mais velhos, repassado oralmente de geração a geração. Assim nasceu o projeto “Pequenos autores: navegando entre mitos e lendas das ilhas que bailam”, que valoriza os saberes tradicionais e a cultura ribeirinha.

Realizado na sala de leitura no contraturno escolar, a iniciativa começou em outubro de 2017. Os alunos compartilhavam as histórias que conheciam, escolhiam uma delas para ser trabalhada na semana seguinte e a pesquisavam na família. Na outra semana, cada um expunha na roda de conversa o que apurara sobre a narrativa escolhida, enquanto o professor registrava as contribuições para ajudá-los a sistematizar o texto. No momento de escrever, constatou-se a distância entre a produção oral e escrita dos alunos. Então, eles levavam o texto para ser corrigido em casa e lido com a ajuda da família. No encontro seguinte, o professor apontava os erros gramaticais e ortográficos para cada aluno, que os resolvia ao reescrever a história em uma cartilha individual, confeccionada para o projeto. O estudante também criava a ilustração e dava um título para sua produção.

Na aula seguinte, realizava-se a leitura em sala para cada um socializar sua história com os colegas. Embora a temática fosse a mesma para todos, a interpretação e o enredo eram únicos, pois cada aluno escrevia de acordo com sua visão de mundo. Os colegas comentavam o texto e o professor aprofundava outros conteúdos propiciados pelas narrativas: artes (ilustrações); geografia e história (o modo de ser e viver do povo ribeirinho: meios de transporte, identificação geográfica dos lugares por meio de ilhas e rios, história das comunidades); ciências (fenômenos naturais, plantas medicinais, extração de óleos naturais); matemática (medição de tempo, grandezas e espaços). Na segunda fase do projeto, os alunos vão produzir e encenar radionovelas, tendo como roteiro as histórias que criaram.

Isaías da Silva

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Multisseriada Santa Terezinha do Menino Jesus
Vitória de Santo Antão, Pernambuco



CADÊ OS INDÍGENAS NOS LIVROS DIDÁTICOS? TEM INDÍGENAS EM PERNAMBUCO?

Abordar em sala de aula conteúdos sobre os povos indígenas brasileiros, suas histórias e culturas está previsto pela legislação desde 2008. No entanto, muitos docentes não se sentem preparados para fazê-lo. Em Pernambuco, estado com marcada presença de diferentes etnias indígenas, o professor Isaías da Silva decidiu que precisava mudar a ideia estereotipada que seus alunos tinham sobre esses povos e, por isso, criou o projeto “Cadê os indígenas nos livros didáticos? Tem indígenas em Pernambuco?”.

Seus 15 alunos, de 9 a 14 anos, estão em uma sala multisseriada (4º e 5º anos) da Escola Municipal (EM) Santa Terezinha do Menino Jesus e moram na zona rural de Vitória de Santo Antão (PE). Os conhecimentos que possuíam sobre os indígenas eram limitados e equivocados: achavam que esses povos já não existiam; tinham como referência os índios da época da chegada dos portugueses ao Brasil; pensavam que eles faziam parte de civilizações “inferiores”, “bárbaras” e com hábitos “atrasados”; e não percebiam as diferentes etnias.

A conscientização sobre o tema surgiu após a proposta do professor de refletirem, durante um mês, sobre os povos indígenas do Brasil – em especial os de Pernambuco –, buscando desmistificar os estereótipos e mostrar que os indígenas têm, sim, uma história e não podem estar fadados a desaparecer.

Para que os alunos entendessem melhor as histórias e culturas indígenas, Isaías promoveu diversas atividades. Após um debate para diagnosticar os conhecimentos deles sobre o tema e contrapor as percepções equivocadas com informações consistentes, exibiu o documentário *Povos indígenas: conhecer e valorizar* (2011) e pediu que exercitassem a escrita com textos sobre o respeito a esses povos. Depois, propôs que interpretassem a história *Karú Tarú - O pequeno pajé*, do escritor indígena Daniel Munduruku.

Uma das atividades que mais chamaram a atenção do professor e da classe foi a análise dos livros didáticos adotados pela escola. Os alunos se impressionaram com a pouca quantidade de informações encontradas e notaram que em livros de determinadas matérias nem sequer eram citadas as contribuições indígenas para a área, como em ciências e matemática. O encerramento do projeto deu-se com a pesquisa e a confecção de cartazes informativos individuais sobre os 12 povos indígenas que habitam Pernambuco: Xucurú, Atikum, Tuxá, Truká, Pankará, Pankararú, Entre Serras, Pankaiwká, Kambiwá, Kapinawá, Fulni-ô e Pipipã. Cada trabalho foi socializado em sala para aumentar o repertório de todos a respeito do assunto e permitir aos alunos explorar habilidades relacionadas ao discurso oral. Isaías terminou o projeto com a certeza de que ser professor-pesquisador é fundamental para conseguir repensar a prática.

Maria de Lourdes Severino Cosmo

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Centro de Ensino Fundamental Cerâmicas Reunidas Dom Bosco
Planaltina, Distrito Federal



PRODUTOR LEITOR: PLANTANDO HISTÓRIAS, COLHENDO OS FRUTOS

O Centro de Ensino Fundamental (CEF) Cerâmicas Reunidas Dom Bosco fica na zona rural de Planaltina (DF) e os alunos permanecem na escola por dez horas. A professora Maria de Lourdes Severino Cosmo queria tornar as aulas de língua portuguesa atraentes para uma turma única de 27 alunos, visto que são cinco horas após o almoço.

Ela, então, dedicou as tardes de segunda-feira à leitura, trabalhando habilidades e proporcionando aos estudantes o contato com tipos variados de textos. Em fevereiro de 2018, surgiu o projeto “Produtor leitor: plantando histórias, colhendo os frutos”, com o objetivo de despertar neles o gosto pela leitura, para que se tornassem bons leitores.

Para auxiliar na rotina desse dia da semana, a professora reuniu um material específico: três caixas de madeira com alturas diferentes, para serem utilizadas como palquinho e pódio; uma pasta-álbum para cada aluno; um caderno de desenho adaptado com uma ficha de análise literária; medalhas de ouro, prata e bronze para premiações; um chapéu de palha caracterizado por aluno; e um balaio para acomodar a coleção de 27 livros de literatura para rodízio (os dois últimos remetendo ao entorno rural).

Regente da turma havia três anos, Maria de Lourdes conhecia as potencialidades e necessidades dos estudantes e propôs uma série de atividades individuais, em grupos e coletivas, como roda de leitura, análise literária e apresentação de textos diversos. Na aula, o primeiro momento era dedicado à leitura e à elaboração de uma ficha na qual cada aluno devia, silenciosamente, descrever o que dizia o texto e propor uma ilustração. Em seguida, as produções eram apresentadas a todos e cada um justificava o desenho criado. Só então a professora explicava o texto.

Os 27 livros do balaio podiam ser levados para casa, conforme o ritmo e o compromisso de cada estudante. Depois da leitura, era preciso fazer um resumo e uma ilustração. O reconto da história para a turma fazia parte da roda de leitura. Essa atividade podia, ainda, contemplar leitura segmentada (cada aluno lia uma parte do texto), em duplas, em grupos ou coletiva. A cada encontro, alguém ganhava uma medalha por sua conquista como leitor.

Muitas vezes, as duplas eram formadas por estudantes de diferentes níveis. Essa interação enriqueceu o projeto também nas apresentações – os mais tímidos eram motivados pelos colegas a participar –, que extrapolaram os muros da unidade. O grupo se apresentou em outra escola e em um seminário para professores, ambos em Brasília, com grande sucesso. Para Maria de Lourdes, ficou uma certeza: os alunos desenvolveram potencialidades para a vida toda.



Rosalina Maria Pereira Gonçalves

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Estadual Professora Marta Aparecida Hjertquist Barbosa
Bauru, São Paulo



SETE MARAVILHAS DE BAURU

Em 2017, a professora Rosalina Maria Pereira Gonçalves assumiu uma turma de 5º ano na Escola Estadual (EE) Professora Marta Aparecida Hjertquist Barbosa, em Bauru (SP). Ao analisar as fichas dos alunos, deu-se conta de que quase metade havia recebido um diagnóstico baixo quanto à produção textual. Para despertar o interesse deles e das famílias, apostou em um tema próximo da comunidade escolar: as “Sete Maravilhas de Bauru”.

Para começar, os alunos foram incentivados a ouvir histórias de familiares e conhecidos sobre a cidade e tiveram a oportunidade de conhecer suas sete grandes atrações: o Museu Ferroviário, a Avenida Nações Unidas (e o teatro municipal), o Anfiteatro Vitória-Régia, o lanche bauru, o Templo Tenrikyo, o jardim botânico e o zoológico.

Rosalina trabalhou, então, diferentes gêneros textuais, como poema, registro pessoal e biografia. A turma teve a chance de ler e entender cada um e depois elaborar textos em grupos – um estudante com melhor desempenho em escrita sempre ajudava os colegas com dificuldade.

Depois, a professora apresentou o livro *Sete maravilhas de nossa cidade*, da autora conterrânea Isabela Pereira Ferraz. Sua expectativa era de que a história da escritora de 19 anos inspirasse os alunos a seguir seu exemplo. Para isso, eles produziram uma biografia sobre Isabela e a entrevistaram.

Uma conversa com o poeta bauruense Luiz Vitor Martinello ajudou o grupo a entender o gênero textual poema. Depois de uma aula sobre a importância das rimas, Rosalina percebeu o empenho de todos em rimar termos mais complexos. A organização de um sarau no final do ano, em que as melhores poesias foram eleitas pelo público, também incentivou o comprometimento da turma.

O gênero relato pessoal foi trabalhado com o registro de cada experiência vivida, que serviu de insumo para os alunos estruturarem textos sobre as descobertas e aprendizagens mais marcantes do projeto. A visita ao zoológico foi uma das mais apreciadas, bem como a degustação do prato mais famoso da cidade: o lanche bauru.

Cada atividade ajudou no desenvolvimento de aspectos importantes para a escrita: entender as classes de palavras e suas funções; diferenciar os registros formais e informais; aprender a relatar os fatos em ordem cronológica; perceber os diferentes efeitos da linguagem (emotivo, informativo, conotativo etc.). O projeto encerrou-se em novembro com a realização de uma exposição e de um sarau para apresentação das poesias, quando Rosalina constatou que os alunos conseguiram evoluir do nível de escrita básico para adequado ou de adequado para avançado.



Patrícia Regina Wanderlinde Alves

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Básica Professora Judith Duarte de Oliveira
Itajaí, Santa Catarina



JUNTOS PELA PAZ: É TEMPO DE SEMEAR

Em 2017, diante da indignação da turma de 5º ano com um texto jornalístico, trazido por um aluno, sobre a morte de um idoso em uma discussão de trânsito, a professora Patrícia Regina Wanderlinde Alves criou um projeto para desenvolver os valores da paz e da não violência. Iniciado com esse grupo, o projeto “Juntos pela paz: é tempo de semear” foi ampliado para os demais alunos da Escola Básica (EB) Professora Judith Duarte de Oliveira, em Itajaí (SC).

Patrícia elaborou atividades que desenvolveram habilidades linguísticas da fala, escuta, leitura e escrita. Trabalhou com a turma o relato “O jovem e as estrelas do mar”; a canção “A paz”, da banda Roupas Nova; o videoclipe e a tradução da música “Heal the world”, de Michael Jackson; o livro *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; a Declaração e Programa de Ação Sobre uma Cultura de Paz, da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU); e o quadro *Guerra e paz*, de Candido Portinari. Os alunos escreveram, então, um poema com o tema paz.

Toda semana, eles recebiam uma frase de Martin Luther King e uma de Mahatma Gandhi para discutir em casa com os pais e, no dia seguinte, conversavam sobre a reflexão em família. Também fizeram entrevistas sobre amizade com quem tinham afinidade e trocaram ideias sobre elas.

No laboratório de informática, pesquisaram e conheceram alguns pacifistas notáveis. Escolheram cinco (Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, madre Teresa de Calcutá e Anne Frank) para, em grupos, aprofundar a pesquisa e, posteriormente, escrever um livro sobre eles, reunidos na “Coleção Semeadores da Paz”. Com a ajuda do professor de informática, a coleção foi transformada em um aplicativo com os livros digitais e a versão em áudio, frases, imagens e *quizzes* sobre cada personalidade.

No Dia Internacional da Paz (21 de setembro), a turma apresentou a música “Sou da paz”, do grupo Cia. Tribo de Dança, em um evento realizado em frente ao Museu Histórico de Itajaí. Também plantou mil cata-ventos, confeccionados por todos os alunos.

Dando continuidade ao projeto no início de 2018, Patrícia realizou um sonho pessoal: lançar o *Informativo Semeadores da Paz* com alunos de todas as turmas, para valorizar e estimular a leitura e a produção textual. As equipes responsáveis pelas seções selecionam para a edição do mês assuntos e matérias enviados pelos estudantes. Com a ajuda de patrocinadores locais, o jornal de 12 páginas tornou-se acessível a toda a comunidade, com tiragem de 3 mil exemplares e uma versão digital.

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre
Rio Branco, Acre



LITERACIA: DA NARRATIVA MITOLÓGICA À TRANSMIDIÁTICA

No Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (Ufac), em Rio Branco (AC), a professora de língua portuguesa Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio percebeu que seria possível trabalhar a leitura e a literatura com o 7º ano aproveitando o interesse dos alunos por tecnologia e redes digitais. Assim, ela se uniu ao professor de história e a um dos pais, um pedagogo, e formou um grupo de trabalho para efetivar o projeto “Literacia: da narrativa mitológica à transmidiática”.

A literacia (capacidade de compreender e usar a informação escrita contida em vários suportes a fim de desenvolver conhecimentos) foi estimulada visando promover a aquisição e o desenvolvimento da prática da leitura. Para isso, o estudo dos alunos teve como foco narrativas míticas e de heróis, tema que os atraía. Outros objetivos do projeto foram: melhorar o desempenho em letramento e em produção de textos escritos; desenvolver, por meio da leitura e da escrita, a autonomia, o senso crítico, a reflexão e a oralidade; melhorar o desempenho escolar em outras disciplinas, com o aprimoramento das habilidades de leitura, escrita e interpretação de textos; e estimular a curiosidade, a criatividade e o interesse em conhecer novos livros e autores, para, lendo com compreensão, fazer inferências e posicionar-se criticamente.

O projeto de Maria Iracilda teve quatro fases. Na primeira, foi feito um levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre mitos e heróis, além de suas concepções de leitura. Na segunda, começaram as Oficinas de Mediação de Leitura, com atividades lúdicas para incentivar a leitura, desenvolver o letramento e prepará-los para a produção de textos escritos. A terceira etapa contou com Oficinas de Escrita Criativa, nas quais uma ferramenta *online* de produção de textos colaborativos permitiu a criação de *e-books*, compartilhados em rede. Na quarta e última fase, realizou-se uma exposição que carregou o nome do projeto.

A grande temática pesquisada pelos alunos (narrativas míticas e de heróis) foi dividida em quatro subtemas, que buscaram abranger referências multiculturais antigas e modernas: “Mitos e heróis: da Antiguidade ao mundo contemporâneo”; “Heróis dos animes e mangás”; “Heróis da DC Comics”; e “Heróis da Marvel Comics”. Entre o resultado do trabalho de pesquisa, a leitura e a produção de textos, eles aprenderam a utilizar essas habilidades para conhecer melhor e apreciar a literatura (tanto a canônica como a contemporânea); avançaram da decodificação para a interpretação de textos, descobrindo as especificidades do gênero narrativa mítica e de heróis; praticaram procedimentos autorais, criando textos a partir de outros textos; e desenvolveram a habilidade de ler e pensar o mundo com autonomia. O projeto prosseguiu focando a narrativa de ficção científica.

Ana Beatriz Câmara Maciel

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Estadual Doutor Graciliano Lordão
Natal, Rio Grande do Norte



JOVENS ESCRITORES DA REVISTA GEOGRÁFICA GL: NOSSA ESCOLA

No início de 2017, a professora Ana Beatriz Câmara Maciel observou que duas classes de 6º ano da Escola Estadual (EE) Doutor Graciliano Lordão, em Natal (RN), apresentavam deficiências em leitura, interpretação e escrita, prejudicando a aprendizagem de conteúdos de sua disciplina, a geografia. Para motivá-los, elaborou o projeto “Jovens escritores da *Revista Geográfica GL: nossa escola*”, em que os alunos produziram uma revista com conteúdos interdisciplinares da ciência geográfica escritos em diferentes gêneros textuais e relatos de suas próprias vivências e da comunidade local.

Dividido em três momentos, o trabalho teve oito meses de duração. Na primeira etapa, Ana Beatriz transmitiu os conteúdos propostos para o ano de maneira lúdica e prática: os estudantes leram textos complementares (de interesse geral e de geografia), materiais paradidáticos e cordéis; assistiram a filmes e ouviram músicas; e acessaram sites de Educação (jogos, cruzadas e desenhos). Desde o início, eles elaboraram pequenos textos, histórias em quadrinhos, paródias e cordéis relacionados às temáticas propostas para a revista.

No segundo momento, atividades de campo foram incorporadas às aulas. As turmas visitaram o planetário de Parnamirim; o Barco-Escola Chama-Maré, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (Idema), onde verificaram problemas ambientais e conheceram um pouco da história de Natal; e o Museu de Minérios do Instituto Federal Rio Grande do Norte (IFRN), para aprender sobre os tipos de rochas e minerais presentes no estado e na cidade.

Na terceira fase, os alunos começaram a redigir a *Revista Geográfica GL*. Reunidos no laboratório de informática, decidiram as funções de cada um, de acordo com as habilidades e competências individuais (fotografia, desenho, paródias, pesquisa), e escolheram a temática-chave para cada edição e o formato (cores, fundo, fotos, textos, músicas, paródias etc.). Nos demais encontros, digitalizaram os textos que haviam produzido.

Lançada na Mostra de Cultura no final do ano e em um evento sobre os projetos da Secretaria de Educação do estado, a *Revista Geográfica GL* mobilizou toda a comunidade escolar, visto que reuniu conhecimentos de outras disciplinas: língua portuguesa (construção dos textos, paródias, cordéis), artes (produção do design da revista, desenhos, cordéis, histórias em quadrinhos), ciências (conhecimento da fauna e da flora da região de Natal, tipos de doenças), matemática (produção de jogos com números e operações básicas), história (do bairro, da escola, do estuário do rio Potengi), ensino religioso (abordagens sobre ética, cidadania, meio ambiente e sexualidade) e educação física (movimento do corpo, responsabilidade e liderança).



Célia Dione Macedo Silva

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Municipal de Educação Básica Jesus Criança
Cuiabá, Mato Grosso



SE AS MULHERES NÃO TÊM VOZ, O SEU GRITO NÃO TEM SOM

Com 40 alunos de 15 a 60 anos da 3ª e 4ª fases da Educação de Jovens e Adultos (EJA), equivalentes ao 5º e 6º anos do Ensino Fundamental, a professora de língua portuguesa Célia Dione Macedo Silva, ao ouvir frequentemente relatos de violência contra mulheres, desenvolveu o projeto “Se as mulheres não têm voz, o seu grito não tem som”, na Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Jesus Criança, em Cuiabá (MT).

Os estudantes da escola vivem de perto a violência contra a mulher. Em uma pesquisa realizada no âmbito do projeto, 50% das alunas entrevistadas declararam ter sofrido violência doméstica e 81% dos alunos disseram ter presenciado algum tipo de violência contra a mulher. Para refletir sobre isso, Célia estabeleceu objetivos que os ajudariam também a desenvolver as habilidades de comunicação oral e, principalmente, de escrita.

Assim, propôs que estudassem os tipos de violência doméstica e os mecanismos disponíveis para combatê-la, como a Lei Maria da Penha, que compartilhassem histórias de vítimas de violência doméstica, que debatessem soluções para evitar essa situação, que conhecessem histórias de mulheres inspiradoras, como Tereza de Benguela e Maria Carolina de Jesus, e que produzissem textos de memórias relacionados a vidas femininas.

Primeiro, conduziu uma discussão sobre o problema na classe. Os alunos ouviram a experiência de cada um e aplicaram o questionário sobre casos de violência a todas as turmas de EJA. Na aula inaugural, em 8 de março de 2018, Dia da Mulher, eles conheceram a história da mato-grossense Tereza de Benguela, que lutou pelo quilombo do Quariterê e liderou o movimento de resistência à escravidão e culturalização europeia. Nessa ocasião, que teve a participação dos 80 alunos de EJA da escola, Célia compartilhou dados sobre a violência contra a mulher no Brasil.

Iniciou-se, então, um trabalho com diversos gêneros textuais (charges, biografias, artigos e entrevistas) que ajudou os alunos a compreender melhor a problemática. Nesse ponto, a professora percebeu que alguns não se sentiam confiantes em criar textos que não fossem cópias. Com a chegada do Dia das Mães, em maio, a história de vida de muitas alunas serviu de exemplo vivo das “dores” e dos “sabores” da maternidade, mote para os estudantes descreverem suas mães física e emocionalmente. O desempenho e o interesse deles foram significativos nessa atividade. Por fim, as alunas gravaram vídeos de depoimentos sobre violência de gênero relatando alguma violência em sua vida, emocionando os colegas. Além da conscientização sobre a violência contra a mulher, o projeto aproximou os estudantes de diferentes gêneros textuais e propiciou que muitos conseguissem ler fluentemente ao final dos quatro meses de trabalho e aprendessem a localizar informações específicas em um texto e a escrever com mais detalhes, usando adequadamente a paragrafação e a pontuação.



Raquel Santos Zandonadi

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Municipal Sebastião Tavares de Oliveira
Praia Grande, São Paulo



MINHAS MEMÓRIAS: O EMBATE DE VOZES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ALUNOS-SUJEITOS

A escrita de um livro de memórias foi o desafio da turma de 8º ano da professora Raquel Santos Zandonadi na Escola Municipal (EM) Sebastião Tavares de Oliveira, em Praia Grande (SP). Sua intenção era desenvolver as habilidades escritoras dos alunos, valorizando seus saberes, suas identidades e suas famílias por meio de histórias de vida. Organizado em oito capítulos, o livro autobiográfico incluiu também os gêneros entrevista, receita, instrução e poema, além de fotos, mapas, desenhos e notas explicativas.

Raquel iniciou o projeto “Minhas memórias: o embate de vozes na construção da identidade de alunos-sujeitos” com uma dinâmica: os estudantes contrapuseram a percepção de si mesmos à dos colegas em relação a eles, entendendo que as identidades são construções pessoais e sociais. Depois, seguiram para a escrita do primeiro capítulo, “Quem sou eu?”, que permitiu à professora fazer um diagnóstico das principais deficiências de cada um. Para auxiliá-los em todo o processo, ela apresentou textos de memórias de escritores consagrados, além de músicas e filmes. Também relatou aspectos de sua vida para servir de exemplo ao grupo, abrindo espaço para a contação de histórias.

Para a produção do segundo capítulo, “Nascimento”, os alunos perguntaram à família detalhes sobre o dia do nascimento e acontecimentos ocorridos no Brasil ou no mundo na data. Na exposição “Lembranças do nascimento”, contaram histórias de objetos pessoais trazidos de casa. No terceiro, “Minha infância”, falaram sobre esse período e as brincadeiras marcantes para eles. A elaboração do quarto, “Origem da minha família”, envolveu entrevistas com os familiares, e a do quinto, “Minha família”, a construção da árvore genealógica. Esses capítulos originaram uma exposição sobre a família em novembro.

No sexto capítulo, “Minha escola”, os estudantes escreveram a respeito da instituição com base em uma discussão sobre seus aspectos positivos e negativos e o que podiam fazer para melhorá-la. No sétimo, “A história e eu”, contando com a ajuda do professor da disciplina, levantaram fatos históricos no Brasil e no mundo ocorridos durante a vida deles e construíram uma linha do tempo. No oitavo e último, “Meu futuro”, relataram, em poemas, como se imaginavam em 15 anos, seus desejos e seus sonhos.

Para valorizar o empenho dos alunos, houve a premiação de cinco “escritores revelação” e de sete “menções honrosas”. Na feira cultural da instituição, todos os livros foram apresentados à comunidade escolar.

Ana Teresinha Elicker

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Oldenburgo
Rolante, Rio Grande do Sul



TEXTOS DIGITAIS MULTIMODAIS DE FORMA COLABORATIVA ENTRE OS ALUNOS

Em Rolante (RS), município com pouco mais de 20 mil habitantes, o estilo de vida rural ainda é muito presente mesmo para quem mora no meio urbano. À turma de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Oldenburgo, a professora de língua portuguesa Ana Teresinha Elicker propôs o projeto “Textos digitais e multimodais de forma colaborativa entre os alunos”, para ajudar os estudantes a compreender hipertextos e textos hipermediáticos e a se comunicar nos contextos em que eles são veiculados, aproximando a escola à questão.

A ideia do projeto surgiu quando Ana Teresinha, nova na escola, constatou que o grupo de 9º ano não se sentia à vontade com a abordagem tradicional das aulas de língua portuguesa, pois associava a disciplina a “um monte de regras chatas”. Determinada a pensar e usar a língua com mais eficiência e sentido, ela conversou com a turma e percebeu um grande interesse comum: a escrita em redes sociais.

Assim, a professora deu-se conta de que poderia aproveitar situações comunicativas do meio digital para ensinar sobre textos e abordar conteúdos gramaticais da disciplina, como orações (e suas formas), pronomes, verbos, formação e estrutura das palavras, concordância, semântica e sintaxe. Queria que os alunos percebessem que o uso da internet em aparelhos digitais não serve apenas para o entretenimento, mas também para a aprendizagem.

O tema “Hortas orgânicas e sustentabilidade: mudanças de hábito e de vida” inaugurou os trabalhos. Ana Teresinha apresentou a eles o editor de texto colaborativo e gratuito do Google Drive, que usariam para escrever os projetos de pesquisa, em grupos, no laboratório de informática da escola, podendo utilizar os próprios celulares e *notebooks*, caso tivessem.

No editor de texto, os grupos descreveram os objetivos e a metodologia que usariam na pesquisa, registraram os conteúdos que a subsidiariam (entrevistas, tabelas etc.) e propuseram assuntos de outras disciplinas que poderiam ajudá-los no trabalho, o que tornou o projeto interdisciplinar. Nesse ponto, identificaram a comunicação com os seguintes tópicos: em matemática, medidas de terrenos; em ciências, tipos de plantas; em inglês, vocabulário relacionado ao tema; em história, épocas de plantio; em geografia, tipos de relevo e de clima; em ensino religioso, o poder de cura das plantas; em artes, o desenho dos vegetais; e, em educação física, hábitos alimentares saudáveis e efeito dos nutrientes no corpo.

Com o andamento do projeto, as habilidades de leitura e escrita dos alunos progrediram notavelmente. Além disso, eles demonstraram autonomia para gerenciar os grupos de trabalho e as produções coletivas, conheceram vários gêneros textuais e adquiriram conhecimentos aplicáveis diretamente a sua realidade social.

Líliã Cristiane Barbosa de Melo

ENSINO MÉDIO

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro Fontenelle
Belém, Pará



TERRA FIRME: JUVENTUDE PERIFÉRICA – DO EXTERMÍNIO AO PROTAGONISMO!

Terra Firme é um dos bairros mais pobres, populosos e violentos da região metropolitana de Belém (PA). Embora tenha uma imagem estigmatizada, reforçada pela mídia local, a comunidade resiste a essa realidade com a atuação de coletivos culturais de teatro, dança de rua, grupos de MCs, *rappers*, boi-bumbá, quadrilhas malucas, formação musical de percussão e danças folclóricas, que ocupam as ruas com ensaios e eventos. Ao notar que os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Brigadeiro Fontenelle mais participativos eram os que integravam esses coletivos, a professora de português Líliã Cristiane Barbosa de Melo fez um levantamento e contou mais de 70 grupos. Então, teve a ideia de realizar o projeto “Terra Firme: juventude periférica – do extermínio ao protagonismo!”, com o objetivo de reconhecer e valorizar a juventude local.

A escola disponibilizou seus espaços para que os coletivos oferecessem oficinas aos estudantes, e as turmas do Ensino Médio regular e de Educação de Jovens e Adultos (EJA) ficaram responsáveis pela divulgação das atividades à comunidade escolar. Cada grupo visitou um coletivo para entender a importância de sua atuação e gravou um vídeo para apresentar em um seminário e divulgar nas redes sociais. Em paralelo, os alunos tiveram contato com artistas de projetos de outros estados, como Sérgio Vaz, do Cooperifa (SP), Nelson Maca, do Blacktude (BA), e Mano Teko, do Proceder (RJ), e analisaram sua produção, reconhecendo aspectos de sua realidade. Também convidaram poetas do bairro para rodas de conversa e realizaram o primeiro minissarau.

Durante o projeto, formaram-se grupos de multiplicadores de poesia, música, esporte, dança, rimas, *rap* etc. Para divulgar as atividades, os alunos preocuparam-se com o registro formal da língua. A divisão das funções – como gravar vídeos e tirar fotografias, organizar os debates, ser palestrante – deu-se de acordo com a preferência de cada um e a conduta dos jovens amadureceu: quando queriam algo da direção, faziam o pedido formalmente. Nessa etapa, estudaram os gêneros textuais solicitação, requerimento, relatório, abaixo-assinado, entre outros.

Dada a relevância do filme *Pantera Negra* (2018) para as discussões de identidade e cultura afro e diante da impossibilidade financeira dos estudantes, a escola promoveu uma campanha virtual que levou mais de 400 jovens ao cinema. Essa ação criou parcerias com universidades, museus e coletivos, iniciando uma agenda de bate-papos e com outras comunidades. Também aconteceram oficinas audiovisuais de bolso, o que culminou na inauguração do Cine Clube TF, que contará a história de Terra Firme sob a ótica de seus moradores por meio de vídeos que serão exibidos em pontos estratégicos do bairro.



Leandro Silva Costa

ENSINO MÉDIO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte



A PESQUISA CIENTÍFICA EM SALA DE AULA COMO PRÁTICA DE APRENDIZAGEM, INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ao lecionar biologia para as turmas de 3º ano (do curso integrado de informática) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) de Ceará-Mirim (RN), o professor Leandro Silva Costa considerou importante que os jovens vivenciassem a pesquisa científica de maneira efetiva e, assim, criou o projeto “A pesquisa científica em sala de aula como prática de aprendizagem, inovação e transformação social”.

Sua principal intenção era mostrar aos alunos que eles podiam desenvolver na escola pesquisas voltadas para resolver problemas locais – de ordem social, econômica ou ambiental –, aproveitando conhecimentos com os quais tinham afinidade, como a construção de *sites* e aplicativos ou o uso de materiais de eletrônica. Incentivando-os a utilizar esse conhecimento na prática, Leandro também queria desmistificar a ciência, encarada por muitos como algo distante de sua realidade ou mesmo impossível de fazer por conta própria.

As ações propostas no projeto ocorreram ao longo de todo o ano. O primeiro bimestre foi dedicado ao entendimento do que é pesquisa científica e suas possíveis metodologias de investigação, bem como à definição do problema científico que seria tratado pelos grupos de alunos. No segundo, os grupos elaboraram e apresentaram o projeto científico; no terceiro, procederam à experimentação, coleta e análise de dados relevantes a cada tema de estudo; e, no quarto, escreveram o relatório final dos projetos.

Foram apresentados 13 projetos, que abordaram problemáticas locais relacionadas aos conteúdos de biologia, entre elas: reeducação ambiental, análise de recursos hídricos, coleta de lixo eletrônico, saneamento básico, saúde. Em cada etapa, havia metas específicas a alcançar e, no fim, sete projetos cumpriram todas elas, além dos critérios estabelecidos para garantir a eficiência do estudo e a aplicação das soluções propostas.

O incentivo à pesquisa científica na escola trouxe uma série de benefícios ao processo de ensino-aprendizagem, como valorização da experiência cotidiana dos estudantes; estímulo à leitura, análise e interpretação de textos; letramento científico; e desenvolvimento de competências de investigação e compreensão.

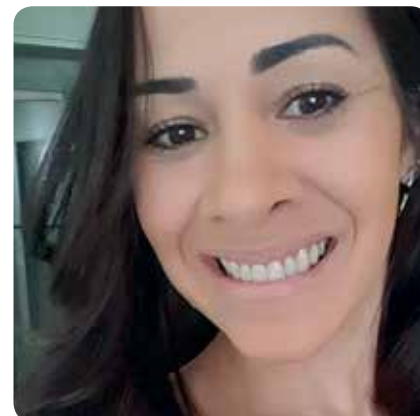
Alguns projetos foram reconhecidos em premiações científicas de abrangência nacional, como a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace), e expostos na mostra internacional Hong Kong Student Science Project Competition, o que levou os alunos participantes a aprimorar, também, o domínio de inglês, língua usada na apresentação e arguição dos projetos no exterior.



Maria de Fátima Farias

ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Professor Pedro Gomes
Goiânia, Goiás



FORMAÇÃO SUPERIOR E CARREIRA PROFISSIONAL

As turmas do Ensino Médio do Colégio Estadual (CE) Professor Pedro Gomes, um dos mais antigos e tradicionais de Goiânia (GO), participaram do projeto “Formação superior e carreira profissional” no segundo semestre de 2017.

Ao constatar o interesse dos alunos em ingressar na universidade, a professora de química Maria de Fátima Farias realizou uma pesquisa sobre as pretensões de escolha do curso superior: 36% declararam interesse por direito; 24%, por engenharia; e 22%, por medicina – isto é, as atenções de 82% deles estavam voltadas apenas para três áreas. Com tal diagnóstico, surgiu a hipótese de que a pouca diversidade estava relacionada ao *status* social atribuído a essas profissões, uma vez que os jovens não tinham conhecimentos básicos sobre as formas de ingresso, o currículo e a estrutura desses e de outros cursos, tampouco sobre as perspectivas do mercado de trabalho. Era necessário, portanto, a ampliação do debate acerca da formação superior e da atuação profissional.

Por meio de aulas expositivas, Maria de Fátima sistematizou informações a respeito da estrutura e do funcionamento dos cursos e das universidades, das formas de ingresso e de financiamento estudantil e das diversas modalidades de bolsas e programas de incentivo à formação. Na sala de informática, os alunos buscaram informações nos sites das universidades sobre a oferta de cursos, currículos, possibilidades de atuação profissional, concorrência, notas de corte etc. Também foram realizadas oito palestras semanais com profissionais de diversas áreas (psicologia, fonoaudiologia, advocacia, medicina, biomedicina, administração e publicidade), que compartilharam suas experiências acadêmica e profissional.

A iniciativa possibilitou o diálogo sobre a função social das profissões, ou seja, sua importância para o bem-estar coletivo, e sobre as questões éticas relacionadas ao exercício delas, transformando o modo de pensar e agir dos jovens. No fim do ano, eles deram depoimentos, em vídeo, de como a participação no projeto impactou sua percepção sobre o tema. Além disso, preencheram um questionário elaborado pela professora, com o objetivo de investigar se haviam ampliado seu conhecimento sobre as diversas possibilidades de escolha do curso superior.

Ao final do trabalho, direito, medicina e engenharia passaram a representar a preferência de 33% dos estudantes, em contraposição aos 82% iniciais. A opção por licenciaturas e pedagogia subiu de 1,5% para 23%, e foram feitas referências a cursos que não haviam sido mencionados no diagnóstico inicial: arte, nutrição, fisioterapia, geografia, educação física, contabilidade, comunicação social, biomedicina, biologia e administração de empresas.

Eveline Andrade Dias

ENSINO MÉDIO

Escola Estadual General Mascarenhas de Moraes
Elias Fausto, São Paulo



PENSAR BEM NOS FAZ BEM. PENSAR BEM E JUNTOS NOS FAZ MELHOR (SIC)

Ao assumir a disciplina de sociologia na Escola Estadual (EE) General Mascarenhas de Moraes, em Elias Fausto (SP), a professora Eveline Andrade Dias viu-se diante de um novo desafio: era seu primeiro contato com o Ensino Médio após anos atuando no Ensino Fundamental – Anos Finais com aulas de história e geografia. Ela percebeu que faltava aos alunos reflexão crítica sobre questões históricas, políticas e sociais.

Pela maneira como conversavam sobre a realidade do País, deu-se conta de que, em seus argumentos, havia matizes de preconceito, intolerância e discriminação. Decidiu, então, trabalhar de modo mais amplo e diversificado o entendimento e a prática da reflexão crítica, capacidade essencial para a formação cidadã, e criou o projeto “Pensar bem nos faz bem. Pensar bem e juntos nos faz melhor” (sic).

A iniciativa envolveu, a princípio, o 3º ano e, depois, o 1º e o 2º. A primeira etapa foi dedicada a leituras e escritas, com destaque para uma revisão bibliográfica por meio da qual os estudantes conheceram o pensamento de sociólogos e intelectuais das áreas de Educação, legislação, segurança pública e psicologia. Em seguida, foram promovidos debates com pessoas que realizaram trabalhos sociais relevantes, o primeiro deles com o jovem advogado brasileiro Felipe Neves, cujo projeto “Constituição na Escola”, que promove o entendimento dos direitos e deveres civis, foi premiado em uma iniciativa do ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama. Com a ajuda do professor de filosofia, ocorreram rodas de conversa sobre os temas racismo, reformas políticas e composição do Estado brasileiro. Então, os alunos do 2º e 3º anos enviaram textos argumentativos sobre o projeto “Cidade Linda” à 1ª Olimpíada Constitucional de São Paulo. Um deles obteve menção honrosa.

Os estudantes também tiveram a oportunidade de conversar por videoconferência com a professora Gina Ponte do projeto “Mulheres Inspiradoras” via aplicativo Hangout sobre a violação dos direitos civis; com um grupo formado por um profissional da Diretoria de Ensino, um advogado e uma policial civil sobre temas relacionados ao Estado e à Justiça; e com uma ex-aluna da escola acerca do papel dos jovens na sociedade. O encerramento do projeto deu-se com visitas à Câmara Municipal e à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o que permitiu aos alunos entender melhor sua função e relevância social.

Eveline percebeu que eles passaram a ter mais cuidado ao expor opiniões, evitando o senso comum e aprofundando os conhecimentos antes de se posicionarem diante de questões políticas e sociais, ganharam mais confiança no momento de argumentar, oralmente e por escrito, e se tornaram multiplicadores da prática da reflexão crítica.

João Pedro Wizniewsky Amaral

ENSINO MÉDIO

Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac
Santa Maria, Rio Grande do Sul



ESTÚDIO DE CRIAÇÃO: O CINEMA COMO POTÊNCIA CRIADORA E TRANSFORMADORA

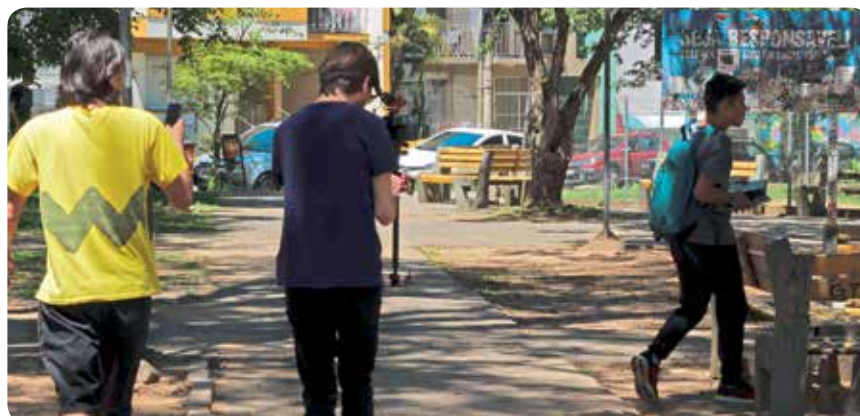
Depois de ouvir as queixas dos alunos das três turmas de 3º ano do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação (IEE) Olavo Bilac, em Santa Maria (RS), de que a escola não estimulava sua criatividade, o professor de português João Pedro Amaral decidiu desenvolver com eles o projeto “Estúdio de criação: o cinema como potência criadora e transformadora”, de letramento e criação audiovisual.

Para João Pedro, o cinema constitui uma boa estratégia porque os jovens têm contato frequente com esse tipo de linguagem e por ser uma arte que permite o exercício da alteridade, da criatividade e da cooperação, bem como o trabalho em grupo. Assim, os estudantes integraram um projeto voltado para um produto criativo: um curta-metragem. No diagnóstico de aprendizagem, em uma roda de conversa, eles se revelaram consumidores vorazes de audiovisual, desde cinema até vídeos no YouTube, passando por séries de TV e telenovelas. O projeto seguiu cinco etapas, similares às fases de um roteiro padrão.

A introdução contou com aulas de apreciação e análise de produções audiovisuais. Foram estudados os elementos das narrativas audiovisuais, o conceito de personagem e a sequência de um roteiro. O problema consistiu na proposta de criação individual de um personagem original, com características físicas, psicológicas, gostos e manias.

No desenvolvimento, cada turma elaborou um argumento (ideia para roteiro), com base em três personagens a sua escolha. O clímax foi a transformação do argumento em roteiro, e quatro alunos de cada classe se prontificaram espontaneamente a fazê-la. O desfecho se deu com a gravação dos três curtas-metragens idealizados pelas turmas – *Linhas tortas*, *O candidato* e *Tudo pela vingança* –, com os alunos divididos nas funções de direção, produção e atuação, abrangendo as principais etapas da produção. Os equipamentos de gravação e captação de áudio foram obtidos por meio da parceria com dois funcionários da TV Campus, canal universitário vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Por iniciativa própria, os jovens organizaram o Festival Bilaquiano de Curtas (Febic), realizado em janeiro de 2018 em um salão aberto para a comunidade de Santa Maria. Além da exibição dos três filmes, eles idealizaram uma premiação ao estilo do Oscar, com um júri formado por cinco especialistas da cidade em cinema e Educação. Houve a entrega de Bilaquitos (referência à escola e aos Kikitos, prêmios do Festival de Cinema de Gramado) aos melhores de cada uma das seguintes categorias: atriz, ator, elenco, figurino e maquiagem, produção, direção, clímax, filme e destaque popular.



Jemáticas especiais



O ESPORTE COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

Práticas pedagógicas de professores de educação física que utilizam a educação esportiva para: ampliar o cardápio esportivo ofertado aos alunos; trabalhar a inclusão e o respeito à diversidade; fortalecer a cultura esportiva local; e promover o desenvolvimento integral do aluno e incentivar um estilo de vida ativo e saudável.

PRÁTICAS INOVADORAS DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

Práticas pedagógicas que demonstram inovação no processo de ensino por meio de atividades e experimentos científicos que estimulem o interesse dos alunos pela área das ciências (biologia, química e física) e matemática.

USO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL

São valorizadas práticas pedagógicas que utilizam as TICs como ferramentas de ensino e de aprendizagem de maneira criativa, inovadora e com resultados que promovam uma transformação sistêmica nos fatores que geram qualidade e equidade na Educação.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Práticas pedagógicas que despertam o interesse dos alunos pelo empreendedorismo, por meio de atividades que permitam a eles reconhecer seu potencial, planejando um futuro que aproveite oportunidades de integração no mercado de trabalho ou na criação de seu próprio negócio, caso seja esta sua opção.

BOAS PRÁTICAS NO USO DE LINGUAGENS DE MÍDIA PARA AS DIFERENTES ÁREAS DE CONHECIMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL E NO ENSINO MÉDIO

Práticas pedagógicas que utilizam diferentes linguagens de mídias audiovisuais, digitais e impressas no processo de constituição de conhecimentos e valores nas várias áreas de conhecimento, por meio de transmissão radiofônica, fotografias, vídeos, *blogs*, uso de redes sociais e outros recursos da internet, aplicativos para *tablets* e celulares, revistas e outros materiais impressos.

Mariana Silva Barros

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Mariana Leão Dias
Tucuruí, Pará



DEMOCRATIZAR O ENSINO DO ATLETISMO NA ESCOLA: PROCEDIMENTOS ALTERNATIVOS PARA SUA APLICABILIDADE

A falta de espaço e de instrumentos adequados para as aulas de educação física era o grande desafio que Mariana Silva Barros vinha enfrentando na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Mariana Leão Dias, em Tucuruí (PA). Com a consciência de que promover a cultura corporal era essencial para a formação de seus alunos, a professora pensou em maneiras de realizar um trabalho efetivo mesmo diante dessas dificuldades.

Foi assim que decidiu apostar no atletismo como instrumento educacional para as aulas com suas turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. No projeto “Democratizar o ensino do atletismo na escola: procedimentos alternativos para sua aplicabilidade”, os alunos conheceram essa modalidade esportiva ao praticar corridas, saltos, arremessos e lançamentos, ações que se aproximam dos movimentos naturais do corpo humano.

Com alguns materiais disponíveis na escola e outros emprestados, faltava ainda completar o inventário de instrumentos para que as práticas fossem realmente efetivas. Foi então que recursos como materiais recicláveis se mostraram uma alternativa. Baseando-se no conceito de “miniatletismo” (atletismo adaptado às crianças, de modo lúdico e condizente com sua fase de maturação), os estudantes confeccionaram bastões e dardos com cabos de vassoura, barreiras com canos de PVC e varas de bambu, discos com pratos descartáveis e fitas adesivas, e martelo de meias com areia e fios resistentes.

Tudo isso foi usado nas atividades propostas: corrida de velocidade, com barreiras e de revezamento; salto em distância, em altura, triplo e com vara; arremesso de peso e lançamento de dardo, disco e martelo. Mariana observou que o fato de os alunos fabricarem os instrumentos aumentou o interesse pelas atividades individuais, que costumam despertar menos atenção do que as coletivas. As reflexões sobre o que é atletismo (nas aulas teóricas e por meio de vídeos sobre os últimos Jogos Olímpicos) também foram importantes para ampliar o conhecimento deles, pois que essa modalidade englobava apenas provas de corrida.

Além disso, a professora preocupou-se em incluir nas práticas alunos com deficiências físicas e intelectuais. Com a ajuda do profissional que os acompanha, ela analisou os casos para pensar em como adaptar as atividades a cada um. O projeto ajudou a elevar a autoestima e a autoconfiança dos estudantes, despertou neles o senso de integração e solidariedade, fez com que descobrissem capacidades que não imaginavam possuir e consolidou o gosto pela atividade física.

Lúcia Dagmar Hurtado Arruda

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Vinicius de Moraes
Lucas do Rio Verde, Mato Grosso



GINCANA EDUCATIVA IDEB 2017

Ao constatar que os alunos do 5º ano apresentavam dificuldades de aprendizagem e alguns demonstravam falta de interesse em relação aos conteúdos estudados, a direção e a coordenação da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Vinicius de Moraes, de Lucas do Rio Verde (MT), pediram à professora de educação física Lúcia Dagmar Hurtado Arruda que promovesse uma gincana. No final do ano, eles teriam de fazer a Prova Brasil. Para ajudá-los na fixação dos conteúdos de língua portuguesa e matemática, por que não integrar o que era ensinado em sala de aula com jogos e brincadeiras?

O projeto “Gincana educativa Ideb 2017” teve como propósito melhorar a concentração, a capacidade interpretativa, a socialização e a capacidade de resolução lógico-matemática dos alunos e ensinar valores como cooperação, união e espírito esportivo por meio de uma competição saudável.

Os professores escolheram os conteúdos e as equipes mistas que participariam de cada prova e desenvolveram algumas estratégias para gerar o interesse dos estudantes antes da gincana: anunciaram nas salas o evento e solicitaram a criação de cartazes, pompons, balões e gritos de guerra das turmas. Essas atividades foram produzidas nas aulas de artes, estimulando os alunos a cooperar uns com os outros.

As gincanas foram realizadas em três sextas-feiras no último trimestre de 2017. Em cada dia da competição havia quatro provas com brincadeiras típicas, como corrida com revezamento de bastão, estoura-bexiga (com os pés), corrida do ovo, mistura de calçados, corrida do saco, dança das cadeiras, corrida com túnel humano, chute a gol, corrida das letrinhas e arremesso do basquete.

A quinta prova consistia em exercícios de conhecimentos matemáticos ou de língua portuguesa, como grito de guerra, prova do livro ou gibi e operações matemáticas. Havia também provas extras: cantar o hino nacional, apresentar paródias, escrever redação, fazer mímica, teatro, perguntas e respostas, soletrando, entre outras. A cada semana, durante as aulas, os alunos eram incentivados a estudar mais para concluir as atividades propostas e ganhar mais pontos para vencer a competição.

Os chefes de equipe de cada turma e o professor regente ficaram responsáveis por organizar os estudantes para evitar bagunça e brigas. Caso houvesse qualquer tipo de transtorno, a equipe seria punida, perdendo pontos.

Para Lúcia, no final do projeto, todos saíram ganhando. Os alunos se sentiram mais motivados e foram melhorando a cada semana. Como prêmio, tiveram um dia diferente na praça do bairro, com direito a muitas brincadeiras, lanche e um minitorneio de futsal entre as turmas.



Welton de Freitas Silva

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Estadual Cândido Figueira
Figueirópolis, Tocantins



O BRASIL NÃO É SOMENTE O PAÍS DO FUTEBOL, COMO UMA GRANDE MAIORIA PREGA POR AÍ!

“Professor, nós vamos jogar futebol hoje?”, era a primeira pergunta que Welton de Freitas Silva ouvia das turmas do 6º ao 9º ano da Escola Estadual (EE) Cândido Figueira, em Figueirópolis (TO). Ela refletia o desconhecimento dos alunos sobre as modalidades esportivas, pois se referia ao futsal, que é praticado em quadra, e não ao futebol, que se joga em campo.

Com o intuito de conscientizar os estudantes sobre várias modalidades, tanto coletivas (basquete, futsal, handebol e vôlei) como individuais (atletismo, badminton, tênis de mesa e xadrez), o professor elaborou o projeto “O Brasil não é somente o país do futebol, como uma grande maioria prega por aí!” no primeiro semestre de 2018.

O primeiro passo para atraí-los para participar das aulas foi a explicação de cada uma das linhas de demarcação da quadra, pois nenhuma estava visível. Assim, eles perceberam a importância de estarem pintadas para o bom desenvolvimento das aulas práticas. A partir daí, envolveram-se na pintura das marcações de cada modalidade e começaram a buscar mais informações sobre o basquete.

Em paralelo, Welton trabalhou a conscientização sobre a importância de conhecer as diversas modalidades esportivas. Apresentou atletismo e basquete (primeiro bimestre) e tênis de mesa e vôlei (segundo bimestre) na teoria e na prática. Como não existe livro didático da disciplina, elaborou uma apostila para cada bimestre, conforme o referencial curricular do estado.

Entre 23 e 26 de abril, aconteceram os Jogos Interclasse. Cerca de 200 alunos participaram das competições de futsal e vôlei masculino e feminino, com uma média de 105 colegas torcedores. Foram entregues medalhas aos três primeiros colocados e houve sorteio de brindes. Após o Interclasse, selecionaram-se 29 alunos para participar dos treinamentos de atletismo e futsal dos Jogos Estudantis do Tocantins (JETs), realizados no contraturno escolar. As equipes de futsal não se saíram bem no torneio, mas foram conquistadas sete medalhas de atletismo (havia dez estudantes inscritos), sendo que dois atletas ficaram em primeiro lugar nas respectivas provas e se classificaram para a fase estadual dos JETs, marcada para 18 a 21 de outubro em Palmas. Os vencedores representam o estado nos Jogos Escolares da Juventude, disputados entre 12 e 25 de novembro em Natal (RN).

Depois das classificações para os JETs, o empenho de alguns alunos passou a ser mais evidente, pois constataram que, com dedicação, poderiam ser os próximos a aprender, treinar e competir nos anos seguintes.



André Luiz Cyrino Oliveira

ENSINO MÉDIO

Escola de Ensino Médio Mariano Martins
Fortaleza, Ceará



VIVENDO A CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO NO ENSINO MÉDIO

Na Escola de Ensino Médio (EE) Mariano Martins, o professor de educação física André Luiz Cyrino Oliveira sentiu a necessidade de ampliar o contato dos jovens com a cultura do movimento depois de se dar conta de que as práticas corporais que os alunos conheciam limitavam-se a esportes coletivos como futsal, basquete, vôlei e carimba (queimada). O currículo de educação física prevê muitas outras atividades, entre elas danças, lutas, jogos, outros esportes e práticas corporais de aventura.

Outro desafio diagnosticado pelo professor foi a falta de interesse dos jovens do Ensino Médio (EM) pela atividade física, visto que nessa fase precisam lidar com questões relacionadas ao desenvolvimento corporal e muitas vezes sentem vergonha e pudor. Além disso, suas características socioeconômicas influenciam a disposição para se exercitar, na medida em que muitos já trabalham (sobretudo os do período noturno) ou têm atividades de suporte familiar que os desgastam física e psicologicamente.

Entre as ações para viabilizar a presença de atividades esportivas variadas e levar os estudantes a envolverem-se nas aulas, o professor valeu-se de conteúdos teóricos, como artigos científicos e vídeos informativos, que os prepararam para as aulas práticas. No planejamento anual da disciplina, ele deu espaço a todas as modalidades previstas no currículo de educação física, dedicando cada bimestre do 2º e 3º anos do EM a um grupo específico de práticas: formas ginásticas, danças, lutas, práticas corporais de aventura e alternativas, jogos e esportes.

No entanto, o conceito de cultura corporal foi além da execução das atividades físicas. Houve também a reflexão sobre como essas práticas ajudam a desenvolver o caráter e posturas saudáveis, como senso de responsabilidade, solidariedade e respeito, especialmente as realizadas de modo coletivo. Os alunos tiveram, ainda, a oportunidade de conhecer melhor o funcionamento do corpo humano e a importância de mantê-lo sempre ativo.

Um destaque do projeto foi o modo como os estudantes foram avaliados. A diversidade de gostos, corpos e habilidades não permite que todos apresentem o mesmo desempenho nos vários esportes, e por isso André levou mais em consideração o envolvimento e o interesse no processo de descobrir e entender as atividades do que a performance em cada uma delas. Outro importante instrumento avaliativo para medir o sucesso do projeto foi a opinião dos alunos: 95% demonstraram satisfação com a forma e o conteúdo da educação física. O professor teve também a satisfação de saber que suas aulas eram um forte motivo para atrair os estudantes à escola e que alguns estavam considerando a área como opção de estudos no Ensino Superior.

Leonardo Coelho de Deus Lima

ENSINO MÉDIO

Instituto Federal do Piauí – Campus Corrente
Corrente, Piauí



EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: ANÁLISE, REFLEXÃO E AÇÃO

Ao observar um aluno cadeirante tendo dificuldades para entrar na sala de aula no Instituto Federal do Piauí – Campus Corrente, Leonardo Coelho de Deus Lima percebeu que podia tornar a prática do professor de educação física politicamente comprometida com a realidade social.

Essa foi a origem do projeto “Educação física adaptada: análise, reflexão e ação”, organizado em cinco etapas. Na primeira, a pesquisa de campo avaliou a acessibilidade no centro comercial do município de Corrente (PI). Em grupos, os alunos vivenciaram determinadas limitações físicas, para que sentissem as dificuldades cotidianas das pessoas com deficiência, e avaliaram a existência e a funcionalidade de equipamentos de mobilidade urbana específicos para atendê-las. Na segunda, Leonardo propôs uma reflexão em sala de aula sobre a experiência realizada na fase anterior e o grupo concluiu que a maioria dos estabelecimentos não atendia às exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) nem respeitava a Constituição, pois impedia o direito de ir e vir do cidadão e violava o princípio da dignidade da pessoa humana. Também foram discutidos textos do livro *A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*, de Otto Marques da Silva, e o documentário *Homo sapiens: 1900* (1998).

Na terceira etapa, os alunos praticaram alguns esportes adaptados para pessoas com deficiência, como futebol de 5, atletismo (com um guia) e golbol (os três para atletas com deficiência visual), vôlei sentado e basquete em cadeira de rodas (ambos para jogadores com deficiência motora). Depois, conversaram sobre as sensações e dificuldades. Na quarta, realizou-se uma audiência pública na qual os estudantes reivindicaram das autoridades políticas (vereadores, assessor do prefeito, promotora de justiça e representantes da Ordem dos Advogados do Brasil e da associação dos comerciantes) soluções para os problemas de mobilidade urbana e acessibilidade do município identificados no estudo de campo. Foram acordadas algumas deliberações, como a construção ou adequação de rampas de acesso nos estabelecimentos comerciais e a revitalização de algumas calçadas e das sinalizações horizontais e verticais dos avisos de vaga de estacionamento para pessoas com deficiência.

Na quinta etapa, foi promovida uma passeata na cidade, em parceria com o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, para divulgar à população os problemas vivenciados pelas pessoas com deficiência. Os estudantes usaram cartazes, faixas e carro de som e distribuíram panfletos. Ao final, verificou-se que eles interiorizaram princípios de respeito e solidariedade ao próximo, a principal aprendizagem promovida pelo projeto.

Jeimes Ferreira Campos

ENSINO MÉDIO

Escola Técnica Estadual Erenice Cavalcante Fideles
Bayeux, Paraíba



CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE FILTRAÇÃO, DECANTAÇÃO E DESTILAÇÃO DE EFLUENTES DO LAVA A JATO

A contaminação das ruas de Bayeux (PB) por resíduos líquidos de óleo e graxas provenientes da lavagem de veículos em estabelecimentos comerciais irregulares chamou a atenção dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio do curso de mecânica industrial da Escola Técnica Estadual Erenice Cavalcante Fideles. Sob a orientação do professor Jeimes Ferreira Campos, da disciplina inovação social científica, eles desenvolveram uma ideia para diminuir os impactos gerados pelo descarte indevido de água contaminada desses lava a jato.

O projeto interdisciplinar “Construção de um sistema de filtração, decantação e destilação de efluentes do lava-jato” tinha como objetivo principal construir um mecanismo de filtragem com cano PVC de baixo custo, eficiente e de fácil operação, interligado a um sistema de destilação solar para tratar e reaproveitar esse efluente no próprio processo de lavagem de veículos.

Os alunos fizeram visitas a diversos estabelecimentos do município, um estudo sobre o tratamento de resíduos dos lava a jato, um levantamento sobre seus impactos ambientais e uma pesquisa sobre contaminação do solo, calcularam densidade, volume, massa, pH, destilação solar e temperatura, elaboraram um pôster informativo e construíram um protótipo piloto na instituição. Para dar suporte às vivências, foram realizadas aulas teóricas e práticas envolvendo as disciplinas de geografia, química, física e inovação social científica.

O detalhamento do projeto foi transposto para a ferramenta de gestão Kanban, na qual todas as etapas a serem executadas ficaram acessíveis aos participantes: elaboração do projeto-base; construção do protótipo piloto; seleção dos materiais para a construção do projeto em escala real; construção do projeto piloto (filtro lento com cano PVC para filtração do fluido) em escala real; e experimentação em laboratório. A primeira fase foi concluída no segundo semestre de 2017. A segunda – planejamento, construção e testes dos tanques de destilação solar – culminou na apresentação do projeto para a comunidade escolar em meados de 2018.

Os alunos de Jeimes aprenderam a fazer ciência na prática trabalhando com um problema real. Desse modo, o projeto proporcionou interação e trocas de experiências entre eles e as comunidades escolar e local, contribuindo para a criação de uma alternativa para a resolução do problema de maneira sustentável. Pelo processo de filtração, decantação e tratamento, os estudantes constataram que é possível reutilizar essa água em atividades em que o líquido não precisa ser potável, como lavagem de salas de aula e veículos e rega de jardins.



Sandra de Amorim Silva Cavalcanti

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Municipal Rozemar de Macedo Lima
Recife, Pernambuco



RÁDIO RM: A HORA DA REVOLUÇÃO!

Em 2017, a rede municipal do Recife (PE) propôs como tema pedagógico os 200 anos da Revolução Pernambucana. Na Escola Municipal (EM) Rozemar de Macedo Lima, a professora polivalente Sandra de Amorim Silva Cavalcanti encarou o desafio perguntando-se: “Como tornar um tema histórico atraente para o 5º ano?”. Decidiu que a linguagem radiofônica poderia ajudar a estudar esse tema tão formal e, muitas vezes, distante da realidade dos alunos. Surgiram, assim, os primeiros sinais da web rádio “Rádio RM: A Hora da Revolução!”. Ao aliar língua portuguesa e história, os estudantes não só pesquisaram os aspectos do levante como também tiveram contato com os gêneros textuais radiofônicos (roteiro, entrevista e reportagem), exercitaram a oralidade, melhoraram a fluência na leitura e aprimoraram a escrita (ortografia, pontuação, coesão, coerência e paragrafação).

O projeto foi desenvolvido nas seguintes etapas: levantamento de conhecimentos prévios, formação de grupos de trabalho, coleta de dados/pesquisa bibliográfica, escrita dos roteiros, gravação dos programas e divulgação da rádio na escola. O levantamento dos conhecimentos prévios aconteceu em um bate-papo em sala de aula, sem registro escrito, em que se constatou que nenhum aluno ouvira falar sobre a Revolução Pernambucana, dentro ou fora da escola. Em relação à rádio, comentaram já ter escutado transmissões convencionais. Nesse momento, discutiu-se sobre a maneira característica de falar dos radialistas, os programas veiculados e as vinhetas, entre outros aspectos.

Em um segundo momento, os estudantes realizaram entrevistas com colegas, professores e funcionários da escola para descobrir se sabiam algo sobre a Revolução Pernambucana. Essas entrevistas renderam duas reportagens para o programa “A Hora da Revolução!”, na Rádio RM.

Após o diagnóstico, foram organizados roteiros de trabalho em grupos, cada um com um tema. As equipes partiram, então, para a coleta de dados, em busca de sua reportagem ou entrevista. Pesquisaram na internet e na biblioteca da escola, leram os artigos e livros selecionados e assistiram a um vídeo exibido pela professora. Depois, sistematizaram as informações e escreveram o roteiro final do respectivo programa, e os textos passaram pela avaliação da professora. Com a ajuda de Sandra, os alunos selecionaram músicas para compor os segmentos e gravaram os programas e a vinheta utilizando um *tablet*. As gravações foram editadas no *software* Audacity e publicadas no site www.mixcloud.com. A turma elaborou um fôlder de divulgação do projeto e alguns estudantes foram selecionados para visitar as classes e entregar o material. A seguir, a Rádio RM passou a transmitir os programas às quintas-feiras, às 14h30, no pátio.



Débora Denise Dias Garofalo

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Ary Parreiras
São Paulo, São Paulo



ROBÓTICA COM SUCATA, PROMOVEDO A SUSTENTABILIDADE

A professora Débora Denise Dias Garofalo, da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Almirante Ary Parreiras, em São Paulo (SP), é responsável pelas aulas de informática educativa e decidiu trabalhar conceitos de robótica e eletrônica utilizando materiais rotineiros como forma de mediar a construção de conhecimento de conteúdos curriculares.

Com a coleta de resíduos recicláveis – papelão, garrafas de plástico e partes de aparelhos eletrônicos, por exemplo –, os 600 alunos do 6º ao 9º anos aprenderam a criar objetos úteis, como carrinhos movidos a balão de ar, robôs, aspiradores de pó e máquinas de refrigerante. Entre as disciplinas que embasaram essas criações destacaram-se matemática, com cálculos e geometria, com grandezas e medidas; ciências, com conhecimentos sobre reciclagem e sustentabilidade; língua portuguesa, com a compreensão leitora e o registro e memória do projeto; e geografia, sobretudo com as relações entre urbanização e natureza. Fontes na internet subsidiaram as pesquisas, como o canal no YouTube "Manual do Mundo".

O passo inicial foi a reflexão sobre o acúmulo de lixo no entorno escolar e suas consequências, como a transmissão de doenças, a poluição e o transbordamento de um córrego. Incentivados pela professora, escreveram um ofício informando a situação à subprefeitura. Também trabalharam a conscientização sobre o problema junto aos moradores e coletaram materiais para usar nas aulas de robótica.

Com os insumos à mão, os estudantes trabalharam os conhecimentos teóricos e as noções de tecnologia necessários. O projeto foi guiado por quatro ações principais: "sentir" (os problemas), "imaginar" (as soluções), "fazer" (resolver as questões identificadas) e "compartilhar" (as descobertas e soluções). O envolvimento com o trabalho se deu com a construção do primeiro protótipo.

Para Débora, a prova do êxito do projeto é que ele foi apresentado em feiras de tecnologia, como o Festival de Inventividade e Criatividade da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) e o Jam de Robótica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, evento que premiou a escola com um kit de robótica. Também apareceu em importantes veículos de comunicação especializados em Educação.

As conquistas educativas foram notórias: desenvolvimento de habilidades específicas nas diversas matérias envolvidas; mais interesse e disciplina em classe; consolidação do protagonismo juvenil; sentimento de superação e autoestima dos estudantes; envolvimento com a comunidade; e estímulo à criatividade, ao raciocínio e à resolução de problemas.

Roseli da Costa Silva

ENSINO MÉDIO

Escola Estadual Professor Fábregas
Luminárias, Minas Gerais



INCLUSÃO SOCIAL E TECNOLÓGICA: LITERACY ANTES QUE SEJA TARDE!

A professora Roseli da Costa Silva dá aulas de língua portuguesa na Escola Estadual (EE) Professor Fábregas, em Luminárias (MG). No final de 2017, em uma das reuniões com a equipe docente, um livro sobre o uso de TICs na Educação fez com que ela – especializada no tema e apaixonada por ele – decidisse que já era hora de a escola garantir o letramento digital de seus alunos e de toda a comunidade escolar. Roseli teve como braço direito nessa missão o professor de inglês, e o projeto foi batizado de “Inclusão social e tecnológica: *literacy* antes que seja tarde!”.

O trabalho, realizado entre novembro e maio, envolveu os mais de 600 alunos de todas as turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e, apesar de ter sido conduzido pelos profissionais da área de linguagens, ganhou o apoio de praticamente todos os professores, tornando-se interdisciplinar.

A maioria dos estudantes e docentes da escola vive em zonas rurais, com acesso restrito – ou nulo – à internet, e tinha pouca familiaridade com celular, *tablet* e computador, em geral sabendo apenas mexer em redes sociais. Atenta ao fato de que as tecnologias estão consolidadas no cotidiano e ajudam a realizar diversas atividades, Roseli fez questão de que tanto alunos como colegas aprendessem a empregá-las. Para isso, incentivou a escola a adotar um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e treinou professores e funcionários para usá-lo. Depois de formar os colegas, eles a ajudaram a ensinar os estudantes a utilizar o sistema. A prioridade era enriquecer as aulas e pesquisas dos alunos. Para isso, seria preciso disponibilizar imagens, vídeos e material complementar aos estudos em PDF; aplicar atividades discursivas; combinar entrega digital de trabalhos; realizar atividades com correção automática de formulários; e construir coletivamente documentos no sistema (o escolhido foi o Google Sala de Aula).

O uso do AVA ganhou a simpatia da comunidade escolar, e a ferramenta tornou-se mais uma opção para compartilhamento de conteúdos didáticos, aplicação de avaliações e divulgação de avisos. Todos os professores passaram a ver, pelo AVA, o conteúdo trabalhado em cada turma, o que favoreceu o desenvolvimento de projetos envolvendo várias disciplinas. Para os alunos, as TICs são também uma forma de melhorar a leitura e a escrita, visto que eles – nascidos na era digital – têm mais aptidão para produzir em contextos virtuais.

O êxito do projeto foi tanto que a professora decidiu apresentá-lo à Superintendência Regional de Ensino (SRE), que adotou o programa e o disseminou em outras escolas da rede. Além disso, disponibilizou a revisão e a atualização dos equipamentos da escola, ampliando o acesso à internet. A chegada de computadores novos permitirá agilizar ainda mais o trabalho. A grande lição que Roseli extraiu do projeto foi que envolver toda a comunidade escolar facilita muito a efetivação das propostas educativas.

Cristiane Juvêncio da Silva

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Municipal Cláudio Figueiredo Nogueira
Varginha, Minas Gerais



ONG ESCOLA EM AÇÃO

Para transmitir a seus alunos valores – além de conhecimentos –, a professora Cristiane Juvêncio da Silva usou as aulas de ensino religioso para trabalhar a empatia e as relações com o próximo. Foi por isso que os estudantes de 4º e 5º anos da Escola Municipal (EM) Cláudio Figueiredo Nogueira envolveram-se no projeto “ONG Escola em Ação”, que, com base em conceitos como solidariedade, trabalho em equipe e ajuda mútua, beneficiou diversas instituições da cidade de Varginha (MG).

Localizada na zona rural do município, a escola conta com boa infraestrutura e corpo docente capacitado e é vista como referência em Educação no campo. Os alunos, porém, ficam afastados da realidade urbana e dos problemas sociais. Considerando esse aspecto, Cristiane decidiu abordar o empreendedorismo social e levá-los a refletir sobre as dificuldades enfrentadas diariamente por determinados grupos, como idosos e pessoas carentes.

Para sensibilizá-los para a necessidade de pensar no coletivo e preocupar-se com o impacto de suas ações, a professora apresentou em sala pensamentos de diversos intelectuais e pacifistas, começando pelo livro *Sete bilhões*, da escritora conterrânea Rita de Cássia Maçaneiro. Depois, os alunos leram poemas de madre Teresa de Calcutá e Nelson Mandela, além de palavras proferidas por Mahatma Gandhi, e pesquisaram informações sobre cada uma dessas personalidades para entender as motivações de seus discursos.

Após o contato e a reflexão sobre os textos motivadores, eles tiveram vontade de fazer algo pelas pessoas que precisam de ajuda. A ideia de fundar uma organização não governamental (ONG) veio de uma das alunas e foi acatada pelos colegas. Foi então que Cristiane, com o apoio da direção, da supervisão e de toda a comunidade escolar, fez a ONG acontecer. Ela organizou uma palestra sobre como gerenciar uma ONG, ministrada por uma especialista do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), e leu com os alunos o texto “Passos para a criação de uma ONG” de um autor especializado em economia do terceiro setor.

A ONG Escola em Ação usou diversas iniciativas para arrecadar roupas, alimentos e dinheiro, que, posteriormente, foram destinados a instituições do município, como o Lar São Vicente de Paulo, que assiste idosos; a Associação Beneficente Levanta-te e Anda, que atende famílias em situação de risco e vulnerabilidade; e o Grupo Missão Ágape, que trabalha com pessoas carentes. Uma grande arrecadação feita na escola e a entrega de algumas doações foram assunto de reportagens em canais de TV da cidade. Além dos resultados práticos e da possibilidade de melhorar a realidade de muitas pessoas, o despertar do sentido solidário foi o grande objetivo atingido. Agora, a escola pretende que a ONG seja uma iniciativa permanente liderada pelos alunos do 5º ano.



Elinaldo Bringel de Lima

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Municipal Professora Terezinha Ferreira de Oliveira
Juazeiro, Bahia



EU PRECISO SONHAR: UMA ESCOLA QUE PERPASSA A FUNÇÃO DE ENSINAR

Desde 2015, quando ingressou na Escola Municipal (EM) Professora Terezinha Ferreira de Oliveira, em Juazeiro (BA), o professor de educação física Elinaldo Bringel de Lima observava o desinteresse e a falta de objetivos dos alunos. No início de 2018, resolveu investigar as razões dessa apatia e aplicou um questionário à turma do 9º ano sobre as perspectivas de futuro daqueles jovens. Dos 45 entrevistados, 35 afirmaram que não tinham interesse em fazer faculdade, alegando incapacidade.

Diante desse número expressivo, Elinaldo levantou a hipótese de que o desânimo em relação ao Ensino Superior era um dos fatores que contribuíam para a falta de participação nas aulas. Entendeu também por que a escola, a maior da rede municipal, não tinha um histórico de alunos que ingressavam no nível superior e no mercado de trabalho.

Os resultados desse questionário, e de outro aplicado aos pais dos estudantes, permitiram a criação do projeto “Eu preciso sonhar: uma escola que perpassa a função de ensinar”, cujos objetivos principais eram: oferecer orientações e esclarecimentos aos jovens, em especial à turma do 9º ano, sobre os cursos técnicos e superiores e sobre as profissões e o mercado de trabalho, além de incentivá-los a dar continuidade aos estudos de maneira segura, consciente e motivada. Ao envolver todo o corpo docente, a coordenação e a gestão, o projeto, que a princípio seria realizado somente com o 9º ano, foi estendido a todas as turmas e segmentos de ensino.

Ao longo do primeiro semestre de 2018, foram realizadas diversas ações: três dias de bate-papo com profissionais de diversas áreas, escolhidos conforme o interesse dos estudantes; curso de informática básica no contraturno escolar para os alunos do 9º ano; visitas técnicas ao Instituto Federal da Bahia (IFBA), à Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e à Universidade Estadual da Bahia (Uneb); o evento Desfile de Miss e Mister Profissões com as classes do 1º ao 5º anos; filmes sobre sonhos e incentivos aos estudos para as turmas de 6º a 9º anos e da Educação de Jovens e Adultos (EJA); palestra sobre mercado de trabalho em parceria com o Serviço Nacional da Indústria (Senai) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) envolvendo os alunos da EJA e os pais; e curso de confecção de bolsas para os estudantes da EJA e as mães.

O projeto contribuiu para a diminuição da indisciplina em sala de aula, para o aumento do compromisso com as atividades propostas pelos professores e para a aproximação das famílias com a escola. Hoje faz parte do projeto político-pedagógico da unidade e ganhou muita visibilidade. Por meio da Secretaria de Educação e Juventude, será expandido para 30 escolas da rede municipal.



Gonçalo Lopes da Silva Neto

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Centro Integrado de Ensino Fundamental
Piracuruca, Piauí



MATEMÁTICA E O MEIO AMBIENTE

Em Piracuruca (PI), ao trabalhar com as turmas de 8º ano do Centro Integrado de Ensino Fundamental (CIEF), o professor de matemática Gonçalo Lopes da Silva Neto percebeu que alguns alunos apresentavam dificuldades para fazer pequenos cálculos com números decimais e tinham pouco conhecimento de dinheiro. Por essa razão, teve a ideia de usar em suas aulas dinheiro em espécie e não em forma de figurinha, como acontece geralmente.

Ao observar os materiais descartados na escola, como embalagens de sabão líquido, latinhas e garrafas PET de refrigerante e suco, Gonçalo pensou que poderia mobilizar os estudantes a coletá-los para vender para uma empresa de reciclagem e conseguir o dinheiro para as aulas de matemática. Surgiu, assim, o projeto interdisciplinar “Matemática e o meio ambiente”, que contemplou também as disciplinas de língua portuguesa, ciências, geografia, história e artes.

Nas aulas de português, os alunos produziram textos sobre o tema estudado; nas de artes, confeccionaram objetos com garrafas PET; nas de geografia, abordaram imagens de paisagens do passado e do presente; nas de história, observaram a transformação dos materiais e como leva anos para se decomporem; e nas de ciências, trabalharam a conscientização para preservar o meio ambiente, mostrando que materiais poluentes podem ser reciclados para voltar a ser úteis.

O projeto foi dividido em etapas: visita dos alunos à empresa de reciclagem para conhecer o processo de triagem dos materiais; palestras educativas sobre a valorização e a preservação do meio ambiente e o retorno financeiro da reciclagem, forma de sustento de muitas famílias brasileiras; visita à Universidade Aberta do Brasil (UAB) para fazer panfletagem educativa relacionada ao tema; e divulgação do trabalho de coleta na comunidade por meio de uma entrevista com dois alunos na rádio FM localizada no município.

Os materiais recicláveis foram coletados em dez churrascarias apoiadoras do projeto. Toda semana, a empresa responsável pela compra ia até a escola para fazer a separação e a pesagem deles, momento muito esperado por todos. Em sala de aula, os alunos fizeram os cálculos matemáticos para descobrir o valor em reais que o material coletado renderia. Alguns se responsabilizaram pelo preço do plástico, multiplicando o valor da pesagem por R\$ 0,30; outros, pelo do ferro, multiplicando por R\$ 0,15; e outros, pelo do alumínio, multiplicando por R\$ 2,00.

O projeto melhorou a autoestima dos estudantes, tornando-os mais comprometidos com a escola, e elevou o rendimento escolar, com a redução do número de notas abaixo da média, além de tirar de circulação 1.178,9 quilos de materiais que poluiriam o meio ambiente, gerando R\$ 307,85 para o CIEF.

Sérgio José Batista Gomes

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Municipal Professora Izaltina Mendonça Meireles
Pará de Minas, Minas Gerais



PROJETO ALUMEN: UMA PROPOSTA ESCOLAR DE INTERVENÇÃO SOCIOAMBIENTAL

No Jardim Serra Verde, em Pará de Minas (MG), onde se localiza a Escola Municipal (EM) Professora Izaltina Mendonça Meireles, o índice de dengue era dos mais altos da cidade, afetando alunos, professores e funcionários. Decidido a lidar com esse problema de saúde pública, o professor Sérgio José Batista Gomes desenvolveu com os 269 estudantes de Ensino Fundamental o “Projeto *Alumen*: uma proposta escolar de intervenção socioambiental”. A ideia era prevenir a dengue eliminando focos de procriação do mosquito *Aedes aegypti*.

O primeiro passo do trabalho foi conscientizar os alunos sobre como materiais descartados de maneira inadequada podem se tornar focos de dengue, uma vez que a escola, em suas funções educacionais e sociais, deve preparar o aluno para ser mediador e empreendedor, capaz de transmitir conhecimentos adquiridos para sua família, seus amigos e a população em geral. Assim, por meio de vídeos, textos e conversas, os professores de língua portuguesa, artes, matemática e ciências começaram a orientá-los sobre a necessidade de produzir menos lixo e de reaproveitar e reciclar materiais. Para que percebessem a ligação entre esses temas e a doença, foram levados a andar pelo bairro para identificar quais resíduos facilitavam sua propagação. A lata de alumínio, frequentemente encontrada no chão, inspirou o nome do projeto – *alumen* é “alumínio” em latim.

A solução prática pensada por professores e estudantes foi criar postos de coleta de latinhas pelo bairro, além de fazer campanhas de conscientização dos moradores para que descartassem o material nos coletores que a escola pretendia implantar. O planejamento e a execução da instalação desses equipamentos foram feitos por órgãos da cidade, como a Secretaria de Planejamento Urbano.

Para inaugurar a coleta adequada de alumínio, os alunos promoveram uma passeata que teve o apoio da Polícia Militar e de empresas privadas, cujo patrocínio permitiu comprar camisetas, bonés, luvas e sacos estampados com o logotipo criado para o projeto. A venda do material coletado gerou um lucro que foi utilizado na manutenção da horta e dos jardins da unidade.

A ação mostrou aos estudantes que a reciclagem e o reaproveitamento, além de contribuírem para a preservação do meio ambiente, são uma ótima forma de empreender de modo sustentável. Para Sérgio, a postura dos alunos e a conscientização da comunidade provam como atitudes transformadoras inicialmente individuais podem tornar-se coletivas e efetivas. A maior prova de êxito veio dos dados coletados no posto de saúde do bairro: diminuição de 75% no número de casos de dengue após a implantação do Projeto *Alumen* da EM Professora Izaltina Mendonça Meireles.

Maria Ester Centurião Benites Garcia

ENSINO MÉDIO

Escola Estadual Polo Prof^a Regina Lúcia Anffe Nunes Betine
Campo Grande, Mato Grosso do Sul



EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL, NEGÓCIOS INOVADORES, CRIATIVOS E RENTÁVEIS

Em Campo Grande (MS), a Escola Estadual (EE) Polo Prof^a Regina Lúcia Anffe Nunes Betine funciona dentro de quatro unidades prisionais, além de unidades educacionais de internação (Uneis, para menores de idade), e foi com 400 alunos e alunas maiores de 18 anos, que cursam o Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), que a professora Maria Ester Centurião Benites Garcia, da área de química, desenvolveu seu projeto “Empreendedorismo sustentável, negócios inovadores, criativos e rentáveis”.

O empreendedorismo foi debatido e praticado com os estudantes após uma iniciativa anterior sobre constituição de identidades que permitiu ao corpo docente constatar que eles tinham muito interesse por trabalhos artesanais e habilidade para desenvolvê-los. Além de as produções serem uma forma de garantir renda a eles e suas famílias enquanto estão reclusos, também são uma alternativa de sustento para quando se encontrarem novamente em situação de liberdade.

O objetivo principal foi disseminar uma cultura empreendedora baseada nos princípios de rentabilidade e colaboração. No Instituto Penal de Campo Grande, os alunos tiveram contato com serigrafia e pintaram telhas e bolsas; no Estabelecimento Penal Feminino Irmã Irma Zorzi, usaram a técnica de decupagem em sabonetes e caixas de MDF e produziram iogurte; no Estabelecimento Penal de Segurança Máxima Jair Ferreira de Carvalho e no Centro de Triagem, criaram produtos de higiene e limpeza, como desodorante e amaciante.

Além do desenvolvimento do potencial criativo e artístico, os estudantes trabalharam conteúdos e habilidades relacionados a língua portuguesa, como leitura e linguagem de propaganda para divulgar os produtos, e química, como o entendimento de suas características microbiológicas, mas puderam desenvolver suas criações em aulas de todas as disciplinas. Para Maria Ester, a socialização do conhecimento e a cooperação foram pontos marcantes do processo. Os alunos se organizaram em grupos e trocaram informações. Além disso, repassaram a seu círculo familiar as ideias e técnicas de empreendedorismo que aprenderam.

O projeto teve grande êxito entre os alunos, dando-lhes novas perspectivas diante da realidade desfavorável em que vivem. Nos depoimentos de alguns deles, nota-se a motivação para continuar empreendendo depois que saírem da prisão, assim como a recuperação da autoestima ao perceberem que, contrariando o preconceito, podem contribuir para a economia e a sociedade.



Sande Polyana Silva Almeida

ENSINO MÉDIO

Escola Estadual Américo Martins
Montes Claros, Minas Gerais



EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: SONHOS E PRÁTICAS

A Escola Estadual (EE) Américo Martins está inserida em uma comunidade carente de Montes Claros (MG), e a professora Sande Polyana Silva Almeida observava havia dois anos que os alunos nutriam o sonho de trabalhar para ajudar a família, mas não sabiam exatamente o que podiam fazer. Desmotivados e desinteressados, não tinham expectativas quanto ao futuro. Tudo isso contribuía para um quadro de indisciplina.

Surgiu assim o projeto “Educação empreendedora: sonhos e práticas”, para capacitar, estimular e incentivar os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º do Ensino Médio a desenvolver atitudes empreendedoras e uma postura favorável à busca da realização de sonhos e propósitos.

Com dinâmicas, palestras e curso de capacitação de professores e alunos realizados com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a iniciativa desenvolveu as dez características que norteiam o empreendedorismo: busca de oportunidade e iniciativa; persistência; comprometimento; exigência de qualidade e eficiência; avaliação de riscos; estabelecimento de metas; busca de informações; planejamento e monitoramento sistemáticos; persuasão e rede de contatos; independência e autoconfiança.

O projeto culminou no Dia das Oficinas Empreendedoras, que reuniu 20 atividades ministradas por professores para desenvolver interesses dos próprios estudantes: adubo orgânico, hortas e suculentas, jardim vertical, práticas em ação social, sabão sustentável e transformação de lixo em dinheiro; barbearia e maquiagem; brigadeiro *gourmet*, empada e musse; filtro dos sonhos, lembranças em MDF e em EVA e pintura em tecido; jornal escolar, técnicas vocais e de violão e improvisação e iniciação teatral; e robótica. Os alunos mais comprometidos foram escolhidos para atuar como monitores e coordenadores.

Para avaliar a aprendizagem, foi realizada uma dinâmica na qual os estudantes conversaram sobre a repercussão do projeto em sua vida. Depois, apresentaram em sala de aula suas impressões, como perceber novas possibilidades do lixo e ouvir pela primeira vez o termo “empreendedorismo social”. Os professores observaram que os alunos ficaram mais focados nos estudos, passaram a estabelecer metas sozinhos e se tornaram mais interessados. Notaram, também, a mudança de alguns deles quanto ao cuidado com o patrimônio da unidade.

O projeto permitiu à escola criar um jornal, uma horta orgânica e um jardim literário e, com a repercussão, conseguiu dez parceiros. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), por exemplo, abriu vagas no curso de mecânica para os alunos, e uma instituição de ensino apoiou a revitalização da unidade. Ao final, Sande pôde observar que o desânimo, a falta de esperança e de autoestima ficaram mais distantes dos jovens.



Vandete Pereira Lima

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS (CICLO DE ALFABETIZAÇÃO): 1º, 2º E 3º ANOS

Escola Classe 08 do Cruzeiro
Brasília, Distrito Federal



UMA MENSAGEM PARA VOCÊ

O interesse pelo WhatsApp foi o mote do projeto “Uma mensagem para você”, desenvolvido pela professora Vandete Pereira Lima com os alunos do 2º ano da Escola Classe (EC) 08 do Cruzeiro, em Brasília (DF). Ela também é finalista em “Ensino Fundamental – Anos Iniciais (Ciclo de Alfabetização): 1º, 2º e 3º anos” (p. 22).

Para motivar os alunos a aprender a ler e escrever usando a pontuação mais adequada, a professora decidiu utilizar o fascínio deles pela tecnologia. Afinal, é necessário habilitá-los às necessidades reais do cotidiano. Como fazia parte de seu planejamento anual ensinar o gênero bilhete, adaptou o programa e optou por trabalhar com mensagens de texto instantâneas. Em uma roda de conversa, discutiu com a classe como as pessoas se comunicam. O nome do aplicativo foi rapidamente lembrado, e Vandete perguntou se os alunos queriam trocar mensagens com os colegas, como se estivessem usando o celular. Eles aceitaram na hora.

Ela então imprimiu desenhos para colorir no formato de telas de celular, incluindo linhas para facilitar a escrita das crianças. Também produziu um cartaz colorido com os *emojis* mais utilizados e confeccionou um quadro de envelopes coloridos com o nome de cada aluno, onde eles depositariam as mensagens para serem recolhidas pelos destinatários. Nesse dia houve muita interação por parte das crianças, que gostaram de ouvir a história do criador do aplicativo, contaram suas experiências, identificaram os *emojis* e reconheceram que teriam dificuldades para escrever, ler e responder uma mensagem escrita. Ficou decidido que mandariam bilhetes para os colegas sempre às terças-feiras após o recreio.

O trabalho foi dividido em nove etapas, cada uma com um objetivo. A primeira mensagem foi escrita pela professora para os alunos; a seguir, cada aluno escreveu uma mensagem anônima a um colega; a terceira foi escrita em grupos. Na quarta mensagem, cada aluno contou como tinha sido o final de semana; na quinta, perguntaram e fizeram um elogio ao destinatário; na sexta, convidaram um colega para brincar na hora do recreio e obtiveram a resposta; na sétima, a turma fez uma mensagem convite a outra sala; na oitava, escreveram um bilhete aos pais; e na nona, uma mensagem de agradecimento à outra turma.

No último dia do projeto, os estudantes exploraram as múltiplas possibilidades das mensagens instantâneas a partir de suas próprias experiências e perceberam que também podiam mandar fotos e filmes, contar histórias, parabenizar alguém pelo aniversário, combinar horários e fornecer qualquer tipo de informação, desde que fizessem a organização correta das palavras e das imagens para que o leitor conseguisse entender a mensagem enviada.

Maria Lúcia Oliveira

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS: 4º E 5º ANOS

Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Otaviano
Olho d'Água, Paraíba



FILME NA SALA DE AULA: APRENDIZADO PARA A VIDA

A professora Maria Lúcia Oliveira percebeu que seus alunos do 4º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Cônego Manoel Otaviano, em Olho d'Água (PB), não tinham dificuldades de aprendizagem, mas precisavam melhorar a disciplina e o comprometimento com as tarefas propostas. Ela decidiu utilizar um recurso de grande apelo para essa faixa etária para discutir temas transversais, e assim nasceu o projeto “Filmes na sala de aula: aprendizado para a vida”. O uso do cinema como estratégia didática permitiu também ampliar o espaço de lazer na escola e enriquecer culturalmente os estudantes, incentivando sua formação crítica e apreciativa.

A exibição dos filmes não se limitou ao aspecto recreativo: ao final de cada sessão, foram promovidas discussões críticas para que os alunos entendessem a mensagem de cada obra. Eles foram estimulados a exercitar a observação e a concentração, a capacidade de julgamento, a sensibilidade e a apreciação estética.

Maria Lúcia exibiu cinco filmes para a turma: *A fantástica fábrica de chocolate* (que possibilitou uma conversa sobre certas posturas e comportamentos e suas consequências); *Wall-E* (que suscitou uma reflexão sobre a preservação do meio ambiente); *Ponyo: uma amizade que veio do mar* (que explorou o desenvolvimento da consciência ambiental); *Ponte para Terabítia* (que tratou de questões como *bullying* e amizade); e *Divertidamente* (que permitiu o aprendizado sobre as emoções e sua influência nos comportamentos).

A cada sessão, a professora elaborava atividades relacionadas ao filme que permitiam trabalhar aspectos específicos da obra e também conteúdos de língua portuguesa (como questões de interpretação sobre todos os filmes) e matemática (por exemplo, problemas envolvendo personagens do filme *A fantástica fábrica de chocolate* e a simulação de um pequeno comércio de doces, onde os alunos trabalharam em uma barraca com dinheiro e troco, evidenciando como as operações fazem parte do cotidiano).

O encerramento do projeto deu-se com uma sessão de cinema para todas as turmas da escola. Nesse momento, Maria Lúcia percebeu os efeitos de sua ideia: os alunos demonstraram iniciativa e determinação para organizar a sessão de cinema para os colegas de outras classes e chegaram a um consenso sobre qual filme exibir – optaram por *O estranho mundo de Jack*, aproveitando que era época do Dia das Bruxas. Após o sucesso do evento, ela fez um balanço com a turma sobre o desenvolvimento do trabalho.

Articulando espaços de discussão e interpretação na escola, o projeto alcançou o objetivo de despertar o senso crítico dos alunos, que participaram espontaneamente de todos os debates. Além disso, nas avaliações realizadas, houve uma evolução na escrita e na interpretação de textos.

Geane Senra de Oliveira

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Escola Municipal Mozart Lago
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro



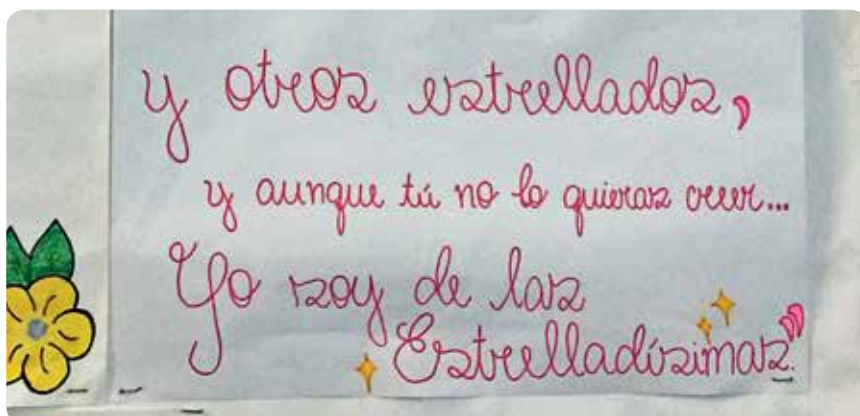
LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER

Na Escola Municipal (EM) Mozart Lago, no Rio de Janeiro, a professora de artes Geane Senra de Oliveira percebeu que comportamentos desrespeitosos e até mesmo agressivos estavam naturalizados entre os alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais. Com isso, decidiu abordar em sala de aula temas transversais considerados tabus, como o feminismo, a igualdade de gênero, a violência e o assédio, visando disseminar valores de igualdade e respeito no ambiente escolar. Foi assim que nasceu o projeto “Lugar de mulher é onde ela quiser”, com o objetivo de preparar os estudantes para a aquisição de conteúdos específicos de sua disciplina: arte como forma de expressão da identidade e as mulheres na arte.

Assim, de março de 2017, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, até o final do ano letivo, Geane explorou essas temáticas em suas aulas. Sua estratégia para conquistar o interesse imediato dos alunos foi reunir exemplos de feministas conhecidas por eles, como as cantoras Beyoncé (dos Estados Unidos), Karol Conka e MC Carol (ambas do Brasil). Depois de discutir como essas mulheres contribuem para propagar ideais feministas, a professora apresentou às turmas grandes nomes do mundo da arte, como Frida Kahlo, Margaret Keane e Yayoi Kusama.

O projeto foi dividido em cinco partes. A primeira foi uma reflexão sobre cada conceito (feminismo, identidade de gênero etc.). A segunda envolveu o uso de meios audiovisuais, principalmente vídeos das cantoras citadas e um filme sobre a vida de Frida Kahlo. Na terceira, os alunos utilizaram suas habilidades artísticas para confeccionar cartazes de apoio às mulheres – o nome do projeto veio da peça criada por uma das alunas. A quarta foi o momento de apresentar as obras das artistas selecionadas por Geane, em especial seus autorretratos. A última consistiu de uma autoavaliação em que os estudantes expressaram o que haviam aprendido por meio de uma redação, de uma peça audiovisual ou da releitura de alguma obra – cada aluno escolheu a forma que mais o agradava.

Ao final do projeto, a professora percebeu que a ação rendeu bons frutos. Os meninos passaram a colocar-se no lugar das meninas e a repensar a maneira como as tratavam. Além disso, pensamentos que os alunos expressaram a princípio, limitando o papel social da mulher, começaram a se expandir. Um deles, por exemplo – com habilidade notável para criar rimas e cantar –, escreveu versos condenando atos de violência machista. Sua apresentação foi gravada e disseminada na internet, alcançando mais de 500 mil visualizações. Os elogios recebidos no vídeo elevaram a autoestima do grupo e evidenciaram para todos a relevância do tema que haviam estudado.



Lucilene Hotz Bronzato

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: 6º A 9º ANOS

Colégio de Aplicação João XXIII
Juiz de Fora, Minas Gerais



CAMPANHA EDUCATIVA: “SIM. O MELHOR É FALAR SOBRE O SUICÍDIO!”

No início do ano letivo de 2017, a professora Lucilene Hotz Bronzato pesquisou temas de interesse das classes de 9º ano para ensinar a argumentação escrita e oral no Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora (MG). Ficou surpresa quando grande parte dos estudantes pediu que abordasse dois assuntos recorrentes: depressão e suicídio.

Consciente da tarefa delicada que teria pela frente, Lucilene não apenas estudou o tema como se preocupou em fortalecer emocionalmente seus alunos. Para isso, preparou uma dinâmica de grupo, em que os jovens montaram um mural de papéis adesivos com uma frase que registrava “uma coisinha à toa que o deixa muito feliz”. A professora, então, orientou-os a olhar o painel quando a discussão sobre o assunto ficasse penosa demais.

Na primeira abordagem sobre o tema, Lucilene convidou os estudantes a inventar e desenhar um personagem que estivesse considerando suicidar-se. Em seguida, cada um deles fez uma exposição oral sobre seu personagem. Durante a apresentação, todos ficaram muito emocionados – o personagem representava ora um familiar ou conhecido, ora o próprio jovem. Para aprofundar o tema, as turmas leram o texto “Sim. O melhor é falar sobre o suicídio”, publicado em julho pela revista *Superinteressante*, e propuseram na escola uma campanha de valorização da vida e de prevenção ao suicídio – que receberia o mesmo título. Havia relatos de tentativas de alunas que estavam se cortando, de adolescentes que frequentavam sites que ensinavam como uma pessoa poderia matar-se.

Eles sugeriram fazer cartazes para divulgar as informações colhidas nas leituras e também os meios de obter ajuda, como o contato do Centro de Valorização da Vida (CVV). Nas aulas de língua portuguesa, estudaram o gênero cartaz. Nesse momento, também propuseram a confecção de um adesivo para aqueles que desejassem aderir à campanha, o que desencadeou um novo rumo para o projeto: os jovens precisariam passar de sala em sala, explicando as informações dos cartazes e pedindo a adesão dos colegas.

Para fazer isso, produziram um roteiro de fala para que cada um soubesse, em linhas gerais, o que dizer. Houve muito cuidado com o modo como se dirigiriam aos colegas, devido à natureza delicada do tema. Em 31 de outubro, os alunos, em trios, visitaram todas as classes, exibiram um áudio motivador, colaram os cartazes e entregaram os adesivos.

Embora todos os eixos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa tenham sido trabalhados, o principal foi o da oralidade. Além disso, a ação protagonizada pelos estudantes mudou o clima das salas de aula, a baixa autoestima de muitos adolescentes, a pouca confiança dos professores nesses alunos e, espera-se, a ideia de alguns jovens de tirarem a própria vida.



Luiz Weymilawa Suruí

ENSINO MÉDIO

EIEEFM Sertanista José do Carmo Santana
Cacoal, Roraima



APLICATIVO DA CULTURA PAITER SURUÍ

A Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EIEEFM) Sertanista José do Carmo fica na aldeia Gaggir, em Cacoal (RO), e atende a comunidade indígena Paiter Suruí. O professor de história Luiz Weymilawa Suruí desenvolveu o projeto “Aplicativo da cultura paiter suruí” com o 3º ano do Ensino Médio (EM) para valorizar a identidade desse povo e fazer os alunos se interessarem mais pelas aulas.

A turma tem três alunas e seis alunos indígenas de 16 a 22 anos. Os professores (três indígenas e quatro não indígenas no EM) queixavam-se frequentemente de que os jovens escutavam música e tiravam fotos do conteúdo do quadro durante as aulas com celulares e *tablets*, atrapalhando a concentração de todos. Luiz observava também perda de identidade e de interesse pelo modo de vida paiter.

O professor aproveitou a curiosidade do grupo por aplicativos e pelas redes sociais para conquistar sua atenção. Ele havia aprendido, em 2015, a criar aplicativos e decidiu compartilhar esse conhecimento com os alunos, propondo-lhes um desafio: como poderiam usar a tecnologia de maneira positiva e como instrumento de luta e preservação da identidade paiter? Sugeriu, então, que desenvolvessem um aplicativo sobre a cultura de seu povo.

Durante os três meses do projeto, os jovens entenderam melhor as tecnologias e seus usos, pois Luiz, ao constatar, logo no início, que a maioria não conhecia as funções básicas dos aparelhos, dedicou algumas aulas para ensiná-los a gravar áudios e editar fotos e vídeos. Em seguida, eles pesquisaram com os mais velhos como eram as tradições do povo antes do contato com os não indígenas, ocorrido há cerca de 50 anos. O próprio Luiz cresceu ouvindo histórias contadas por seu pai, um dos paiter que viveram antes do contato. Em uma palestra com dois sabedores, os alunos gravaram as falas e tiraram fotos. Também coletaram memórias e relatos, registraram imagens de atividades cotidianas e desenharam o mapa da aldeia.

A escola é bilíngue – fala-se a língua paiter, que vem do tronco tupi, e escreve-se em português –, e assim foi no desenvolvimento do projeto. Como não havia laboratório de informática nem conexão à internet, o conteúdo escrito e as imagens para o aplicativo foram os objetos de trabalho, pois poderiam ser utilizados *offline*.

Luiz criou o aplicativo e a turma o apresentou à comunidade escolar. Luiz constatou que os jovens gostaram de produzir coletivamente e foram assíduos e disciplinados, trabalhando como profissionais comprometidos. Como resultado do projeto, deixaram de ser apáticos e saíram da condição de consumidores passivos para tornarem-se produtores culturais. Além disso, pensaram em novos projetos, como um aplicativo para vender artesanato e gerar renda para a comunidade e outro para divulgar a cultura musical da etnia Paiter Suruí.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Rossieli Soares da Silva

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Kátia Cristina Stocco Smole

DIRETORA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Alice Carraturi Pereira

COORDENADORA GERAL DE APOIO A CERTAMES E PROGRAMAS ESPECIAIS

Mara Silvia André Ewbank

EQUIPE TÉCNICA DA COORDENADORIA GERAL DE APOIO A CERTAMES E PROGRAMAS ESPECIAIS

Ana Luiza de Oliveira Lima Taufick

Cristiane Ciqueira Damaceno de Paiva

Paulo Victor Rodrigues Raulino

Alessandra de Lima Abadias Neres

PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL 2018

PARCEIROS

Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares – Abrelivros

Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto – Acerp

Centro de Inovação para a Educação Brasileira – Cieb

Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação – Consed

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes

Fundação Itaú Social

Fundação Lemann

Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho – FMSS

Fundação Santillana

Instituto Península

Instituto Singularidades

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae

Serviço Social do Comércio – Sesc

Shell Brasil

União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – Undime

APOIO INSTITUCIONAL

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco

Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI

REALIZAÇÃO

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

FUNDAÇÃO SANTILLANA

DIRETORIA

**André de Figueiredo Lázaro
Luciano Monteiro
Karyne Arruda de Alencar Castro**

EDIÇÃO

Ana Luisa Astiz

PREPARAÇÃO

Marcia Menin

REVISÃO

Cida Medeiros

PROJETO GRÁFICO

Paula Astiz

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Paula Astiz Design

INSTITUTO PENÍNSULA

GERENTE DO PROJETO

Carla Vila

TEXTOS SOBRE OS PROJETOS PREMIADOS

Renata Guerra

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

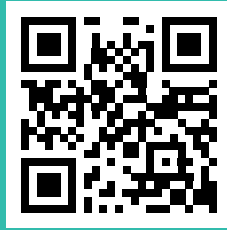
Pontograf Gráfica e Editora Ltda.

LOTE

274216



Esta publicação foi composta nas fontes Liza Text Pro e Good Pro e impressa em novembro de 2018, com o apoio da Fundação Santillana.



PARCERIA



REALIZAÇÃO

